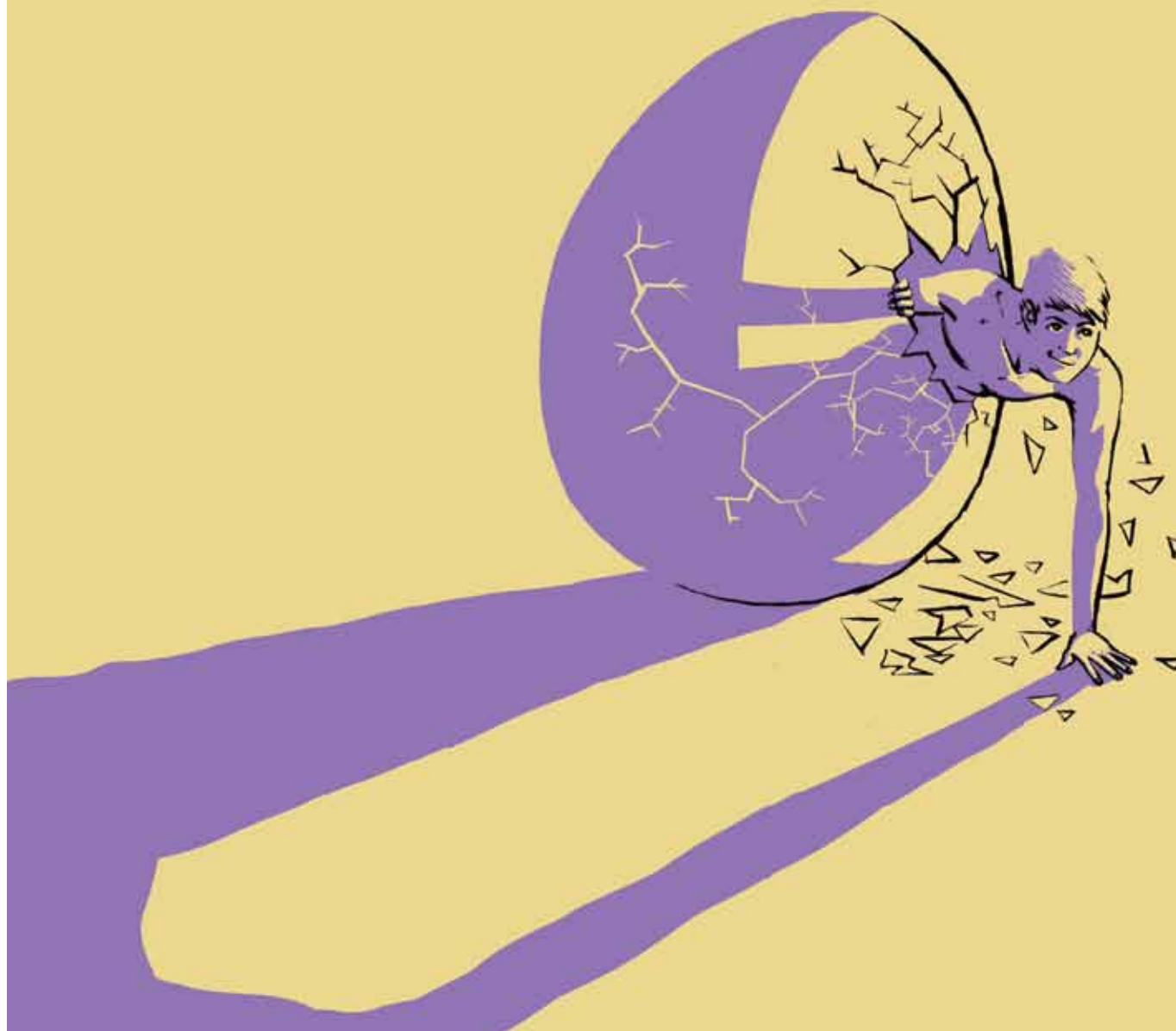


A conquista de si mesmo

Elaborado desde a Grécia Antiga, o romance de formação apresenta o processo de amadurecimento humano e atualmente é reinventado por autores como Karl Ove Knausgard e Michel Laub





O **Cândido** 73 traz um especial sobre romance de formação, termo que se refere a uma obra literária que investiga por que alguém se torna o que é. A expressão *Bildungsroman* (romance de formação, em alemão) foi cunhada pelo filólogo alemão Karl Morgenstern no século XIX. O estudioso aplicou a expressão para se referir ao romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe — narrativa publicada em duas partes, inicialmente em 1795 e depois em 1796.

A partir de então, o *Bildungsroman* passa a ser estudado sistematicamente e continua sendo escrito no tempo presente por autores como o norueguês Karl Ove Knausgard (foto) e pelo brasileiro Michel Laub. Uma ampla reportagem traz informações a respeito do tema, incluindo os pontos de vista do professor na Pós-Graduação de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Lourival Holanda, do professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Marcus Soares e do romancista Michel Laub.

Entre as definições possíveis para romance de formação, ou de aprendizado, o **Cândido** destaca a de Laub: “É um livro que apresenta a formação da identidade psicológica/moral/cultural de um personagem, construída a partir de certos fatos decisivos, em geral ocorridos na infância/adolescência”, diz.

Pesquisador da Uerj, Soares acrescenta que o *Bildungsroman* é uma modalidade do gênero romance, cujo enfoque se baseia no processo de transformação ou amadurecimento do prota-



Divulgação

gonista, decorrente das adversidades pelas quais ele passa em sua trajetória pelo mundo, “em um percurso que o constitui, subjetiva e objetivamente, enquanto indivíduo socialmente configurado.”

O especial inclui uma lista de 8 obras fundamentais para compreender o que é, na prática, um *Bildungsroman* e um texto de Miguel Sanches Neto a respeito dos anos de formação do poeta José Paulo Paes (1926-1998) em Curitiba.

Outro destaque da edição é uma reportagem, assinada pelo jornalista e cronista Alvaro Costa e Silva, sobre os 120 anos da Academia Brasileira de Letras, entidade que reúne não apenas escritores, mas personalidades da cultura brasileira — cada um dos 40 integrantes recebe R\$ 10 mil mensais. Outro texto, produzido pela reportagem do

Cândido, cita algumas das novas metas da Academia Paranaense de Letras, que completa 81 anos em 2017 e quer difundir a História do Paraná nas escolas e restaurar o Belvedere — prédio localizado no Centro Histórico de Curitiba

O **Cândido** publica os melhores momentos da participação de Marcelino Freire, em junho deste ano, no projeto “Um Escritor na Biblioteca” e “Literatura contemporânea”, conto de Fernando Bonassi, roteirista, dramaturgo e escritor, autor, entre outros, do romance *Luxúria* (2015).

Também estão nas páginas desta edição do **Cândido** fotos de Cyro Ridal, na seção Cliques em Curitiba, e um poema narrativo de Adélia Maria Woellner.

Boa leitura!

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação: Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários: João Lucas Dusi e Luis Izalberti

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC:

Rita Solieri Brandt | coordenação

Raquel Dzierva | diagramação

Cola-boradores desta edição:

Adélia Maria Woellner, Alvaro Costa e Silva, André Caliman, Cyro Ridal, Guilherme Pupo, Fernando Bonassi, Kraw Penas e Miguel Sanches Neto.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

Cândido na internet:

candido.bpp.pr.gov.br

fb jornalcandido

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
Segunda a sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.



A arte da ficção

David Lodge, L&PM Pocket, 2011

Em cinquenta pequenos artigos, o crítico e escritor britânico David Lodge se lança no universo da criação literária, apresentando uma visão ampla e didática. A partir de trechos de obras consagradas, ele aborda aspectos do romance e analisa técnicas utilizadas na construção da narrativa — monólogo interior, fluxo de consciência, repetição, aporia, etc. O trabalho de escritores como James Joyce, Samuel Beckett e J. D. Salinger serve como matéria-prima para as abordagens claras e instrutivas de Lodge.



O ajudante

Robert Walser, Relógio D'Água, 2006

Indicado por uma agência de empregos, Joseph Marti, protagonista deste romance, começa a trabalhar no escritório técnico na residência de seu novo chefe, sr. Tobler. A partir desta premissa simples, o escritor suíço Robert Walser apresenta um recorte sensível de alguns meses na vida do jovem empregado Joseph, que vive o cotidiano da família, sempre assolado por pensamentos e angústias, num fogo cruzado entre a gratidão e a insatisfação.



Oficina de ilustração



Divulgação

O artista gráfico Samuel Casal ministra oficina de ilustração editorial na Biblioteca Pública do Paraná em agosto. O curso acontece nos dias 15, 16 e 17, das 14h às 17h. As inscrições, gratuitas, devem ser feitas até 10 de julho por meio de um formulário disponível no site da BPP (www.bpp.pr.gov.br). São ofertadas 15 vagas, que serão preenchidas por ordem de inscrição. Casal é autor do álbum *Prontuário 666 — Os anos de cárcere de Zé do Cai-xão* (2008) e já ganhou oito troféus HQMIX (Museu de Artes Gráficas do Brasil), três deles como melhor ilustrador. Foi colaborador de publicações nacionais e internacionais como *Superinteressante*, *Folha de S. Paulo*, *Le Monde Diplomatique*, *Die Gestalten* (Alemanha), entre outras. Em 2016, o ilustrador atuou na criação da abertura da novela *Velho Chico*, da Rede Globo.



Declínio de um homem

Osamu Dazai, Estação Liberdade, 2015

“Vivo uma vida repleta de vergonha”. É assim que o personagem-narrador deste romance, Yozo, se apresenta aos leitores no primeiro dos três cadernos que compõem a obra. Com passagens autobiográficas, a narrativa acompanha o declínio de um sujeito que se esforça para ser aceito fazendo brincadeiras bobas a um homem sem esperança entregue ao álcool e à morfina. Para piorar, tem como amigo Horiki, outro ser dado aos exageros. Sem medo de expor os sentimentos mais obscuros do personagem, Dazai, que se suicidou aos 38 anos, cria uma história triste e visceral.



Fia

Jussara Salazar, Demônio Negro, 2016

A poeta Jussara Salazar, que durante muitos anos esteve radicada em Curitiba, lançou seu mais recente livro de poesia no final de 2016. *Fia*, que tem caprichada edição do selo Demônio Negro, faz uma imersão no cotidiano das rendeiras do interior pernambucano. Salazar reconstituiu esteticamente a cultura das artesãs, levando à sua poesia termos e nomes recorrentes no universo das mulheres retratadas. Poeta e artista visual, Salazar é autora de outros livros, como *Inscritos da casa de Alice* (1999), *Natália* (2004) e *Carpideiras* (2011).

Bate-papo com José Luiz Passos



Divulgação

A edição de agosto do projeto **Um Escritor na Biblioteca** terá como convidado o romancista José Luiz Passos. O encontro será realizado no dia 1º, às 19h30, no auditório da Biblioteca Pública do Paraná. O escritor Luís Henrique Pellanda fará a mediação do bate-papo, em que os convidados falam sobre suas obras e experiência de leitura. A entrada é gratuita. Passos é crítico, tradutor e romancista. Vive nos Estados Unidos, onde é professor titular de literatura brasileira e portuguesa da Universidade da Califórnia. Seu mais recente livro é *O marechal de costas*, romance histórico baseado na trajetória de Floriano Peixoto.



Fotos Fábio Santiago

Marcelino Freire



O escritor Marcelino Freire fez um amplo resumo de sua trajetória literária na edição de junho do projeto Um Escritor na Biblioteca. Conhecido pela eloquência da fala, Freire reafirmou a importância da oralidade em sua ficção. “Nunca tenho uma ideia para uma história. É muito difícil eu ter uma ideia. Não tenho juízo para nada, vou ter uma ideia todinha, do começo ao fim? Não vou. Vou ter uma frase. Uma frase que ouço na rua, que escuto na televisão, que minha mãe falava”, diz o autor, hoje com 50 anos, nascido em Sertânia (PE) e radicado desde 1991 em São Paulo.

Durante anos, ainda no Recife, trabalhou em banco e como revisor publicitário. Logo nos primeiros anos em São Paulo, bancou com economias — de seu trabalho como revisor em agência de publicidade — os seus dois primeiros livros: *acRústico* (1995) e *eraOdito* (1998). O ponto de virada aconteceu quando Freire conheceu o escritor Evandro Affonso Ferreira, à época dono de um sebo. Os dois autores deram início a encontros que chacoalharam a cena literária paulistana no início do século XXI — vários desses escritores integrariam a antologia *Geração 90: manuscritos de computador* (2001), organizada por Nelson de Oliveira.

Por intermédio do crítico João Alexandre Barbosa, foi publicado pela editora Ateliê Editorial e, em seguida, pela Record, a sua atual editora. Freire tornou-se um dos principais autores da literatura brasileira contemporânea — algumas de suas obras estão traduzidas para o inglês, francês, espanhol e italiano, incluindo publicações em Portugal.

O escritor é o idealizador da Balada Literária, que acontece desde 2006 no bairro paulistano da Vila Madalena, em São Paulo. Escritores brasileiros e estrangeiros participam do evento, que este ano faz homenagem a Torquato Neto.

No bate-papo mediado pelo jornalista e escritor Marcio Renato do Santos, o autor também fala sobre *Contos negreiros* (Melhor Livro de Contos no Prêmio Jabuti de 2006) e o seu primeiro romance, *Nossos ossos* (Prêmio Machado de Assis em 2014), além de resgatar episódios de sua trajetória e de enunciar frases marcantes, entre as quais: “A literatura é um jogo constante”.

O autor é uma biblioteca

Manuel Bandeira foi a minha primeira biblioteca. Todo autor, todo poeta é uma biblioteca em si. Bandeira foi o primeiro autor que li. Assim que o conheci, fui lá conferir outros poetas do movimento modernista, por exemplo. Então, ele foi de alguma forma uma espécie de guia, de porta de entrada para outros escritores. Cada escritor é uma biblioteca ambulante, entende? Por que eu estou falando isso? Porque a biblioteca física, assim, feita de cimento, em Sertânia [cidade pernambucana em que o autor nasceu] não existia. Em Sertânia não tinha água, que dirá biblioteca. Estou com 50 anos — com cara de 49 — mas só agora chegou água na minha cidade. Sertânia foi manchete recentemente em todos os jornais exatamente por causa da transposição do rio São Francisco. Aquela cena de pessoas pulando na água como se fosse uma grande praia aconteceu lá em Sertânia, em um canal de transposição do São Francisco. Se minha mãe continuasse no sertão, eu estaria também hoje naquela praia fazendo a maior festa, com a água finalmente chegando por aquelas pastagens.

Escritores alimentam

Os escritores pegam na mão da gente no momento em que estamos precisando. Eu não sabia, mas o Bandeira pegou na minha mão quando li pela primeira vez um livro dele. Quando li o poema dele, “Testamento”, fui tomado por uma febre, uma espécie de contaminação, de fracasso múltiplo. Minha mãe saiu de Sertânia com os filhos porque queria a salvação financeira, e a salvação financeira não está na poesia. Poesia não garante nada a ninguém, por isso que é poesia. Aí, no entanto, o que o Bandeira estava dizendo para mim, a poesia dele, a verdade dele, foi me alimentando, me ajudou a atra-

vessar a vida. É assim até hoje, quando eu vou reler, por exemplo, Murilo Mendes, Cecília Meirelles, Solano Trindade, Noémia de Sousa. Todos estão me ajudando a sobreviver.

Biblioteca física

A escola onde estudei, no Recife, chamava-se Alfredo Freyre, que era o pai de Gilberto Freyre. Lá não havia biblioteca. Mas havia uma coisa fundamental para minha formação como escritor: o teatro. A diretora teatral Ilza Cavalcanti começou a me falar de Maria Clara Machado, Ziraldo, etc. E ela me emprestava livros. Não era uma biblioteca vasta que ela possuía, mas ali tinha, por exemplo, *Esperando Godot*, do Samuel Beckett. Ilza também carregava uma biblioteca com ela. A outra coisa mágica nessa escola, que eu achava fascinante, era a presença de Gilberto Freyre. Ele visitava o local de vez em quando, porque, obviamente, a escola levava o nome do pai dele. Então, a escola para para recebê-lo, era o dia em que havia uma mortadela com queijinho para todo mundo comer. E a gente, que fazia teatro, se apresentava para o escritor assistir. Eu me apresentava para o Gilberto Freyre. A figura dele, como escritor — eu nem sabia que ele era sociólogo — era algo que me deixava com inveja. Eu queria ser recebido um dia daquele jeito. Eu queria mortadela todo dia.

Oralidade

A oralidade está na minha literatura. Isso certamente vem de uma vivência sertaneja. O que você mais tem na casa do sertanejo é barulho, fala, algazarra. A voz da minha mãe me acordava todo dia. A voz dela, os gestos, a agonia e o vexame. Minha mãe dava muito vexame, sobretudo quando estava sem dinheiro. Daí, ela gritava, aperreada. Eu sabia que as coisas não estavam boas,

que o almoço não seria tão bom, pelo barulho da casa. Quando não estava gritando e gemendo, minha mãe estava cantando. Quando ela cantava Luiz Gonzaga, eu sabia que as coisas estavam um pouco melhores. Os meus personagens têm esse movimento, dão esse vexame. Escrevo dando vexame, compactuando com minha mãe quando ela estava, sobretudo, sem dinheiro. Eu escrevo gritando com ela.

Método de escrita

O livro que mais leio é a rua. Então, nunca tenho uma ideia para uma história. É muito difícil eu ter uma ideia. Não tenho juízo para nada, vou ter uma ideia todinha, do começo ao fim? Eu não. Vou ter uma frase que ouço na rua, que escuto na televisão, que minha mãe falava. É sempre uma fala que vem falar o que eu escrevo. Algo que me angustia e fico, sei lá, carregando durante um tempo. Daí, quando vou ao computador escrever — até hoje é assim — eu digo: “Qual é mesmo aquela frase?”. E não anoto a frase, porque se anotar, perco. Esqueço a palavra para poder lembrar. Se aquela frase, se aquela palavra estiver doendo ainda, é porque de fato é algo que não dá para esquecer. Aí eu tento reproduzir. Eu descubro quem está falando ao escrever. Ou seja, descubro a história a partir das palavras, o que as palavras vão me dizendo. E as palavras sempre nos socorrem. Sempre. Não é coisa de baixar santo, não, que isso não existe. A partir da primeira, da segunda, da terceira, da quarta frase, vou me surpreendendo. A literatura é um jogo constante.

Chegada a São Paulo

Nunca imaginei que iria para São Paulo, mas na época estava completamente apaixonado e sofri muito durante uns dois anos. Eu estava apaixonado por um rapaz, que me convidou para ir

“Acho que é imprescindível para um escritor encontrar sua turma, interlocução, seus pares. O seu bando. Os seus parceiros do crime.”

para lá. Aí eu fui e me lasquei. Mas é assim mesmo. A vida é feita dos amores possíveis, não dos amores impossíveis. Fiz de São Paulo o meu amor possível. E isso não é melancólico, não. É uma filosofia de vida. Quando acordo, digo: “É o que é possível fazer”. São Paulo não deu certo, o amor não aconteceu, não rolou, não tem problema. Vamos para os amores possíveis, para a vida que é possível ser vivida. Há 26 anos estou em São Paulo. Há 26 anos vou vivendo assim.

Primeiros trabalhos

Peguei a cidade de São Paulo para mim. Numa força, numa vontade. Fui avante. Comecei a procurar trabalho. Eu já trabalhava no Recife como revisor de textos. Então, fui procurar

emprego em agências de propaganda e bancos. Passei 13 anos trabalhando em uma grande agência como revisor, lendo textos que não mereciam ser lidos uma única vez. Trabalhei muito lendo rótulo de água mineral, por exemplo. Nunca reclamei da minha profissão, porque era essa profissão que me mantinha em São Paulo. Com ela eu mandava dinheiro para minha mãe, pagava o aluguel, etc. Eu não brigava com o meu ofício. Mas aí, o que eu fazia? Para cada rótulo de água mineral, escrevia um conto. Era essa a minha vingança.

acRústico

Tem gente que às vezes chega em uma palestra com esse livro [*acRústico*], aí eu digo: “Quanto você quer por essa

merda?”. Eu brinco assim, mas esse livro, mesmo ruim, foi muito importante para os outros que vieram. Fiz esse livro quando ainda não tinha interlocutores no meio literário. Acho que é imprescindível para um escritor encontrar sua turma, interlocução, seus pares. O seu bando. Os seus parceiros do crime. Aí, quando você vai encontrando, vai afinando os instrumentos. Na época do *acRústico* eu estava sozinho. Na verdade, estava trabalhando demais, revisando lá os rótulos de água mineral. Não reclamava, mas era essa a minha vida de manhã, tarde e noite. Eu dizia: “Nossa, vim para São Paulo para isso?” Foi quando decidi fazer meu primeiro livro por conta própria, sem procurar editora, com o dinheiro que eu ganhava revisando rótulos.





“Escrevo dando vexame, compactuando com minha mãe quando ela estava, sobretudo, sem dinheiro. Eu escrevo gritando com ela.”

Angu de sangue

Fiz o *acRústico* por conta própria.

Depois de três anos, queria fazer um próximo livro de contos. Já era o *Angu de sangue*. Mas não se chamava assim. O título inicial era *O sol que gera e devora seus filhos*. Então convidei um amigo, Jobalo, artista plástico pernambucano que mora em Milão há muitos anos, para fazer uma intervenção no livro. Queria que ele mandasse algumas coisas, desenhos, pinturas, etc. Para minha surpresa, ele enviou fotografias. A imagem da capa e outras fotos que compõem o *Angu* são dele.

eraOdito

Eu queria fazer o *Angu de sangue*, mas era um livro caro, por conta das imagens, etc. Por isso resolvi pensar em outro livro, que ajudaria a pagar a edição do *Angu*. Aí comecei a brincar no computador, entre uma revisão e outra, com ditados populares e frases famosas. Fui descobrindo outras leituras nesses ditados. Eu os resignificava. Escrevia a frase e ficava pensando em outros significados, naquilo que não era muito visível. Isso foi me tomando, fiquei obcecado. As pessoas me diziam algo e eu já sabia o que estava escrito lá dentro. “Ser ou não ser, eis a...” Sabe o que está escrito dentro da frase de Shakespeare? Neurose. Todas as letras estão lá. Eu não pre-

ciso nem da palavra questão. “Ser ou não ser, eis a neurose”. As pessoas na agência de propaganda adoravam. Iam pro meu computador e perguntavam: “Descobriu mais alguma coisa?”. Aquilo foi mobilizando a agência de tal maneira que eles me ajudaram a fazer o *eraOdito* com uma tiragem de 5 mil exemplares. E esse livro, que era para ajudar na edição do *Angu*, me tomou dois anos, de 1998 até 2000. O livro vendeu muito, virou até *best-seller* na Livraria Cultura. Eu mesmo ia lá oferecer à Livraria, com o livro debaixo do braço.

Encontro com escritores

Eu estava em um período incessante de trabalho na agência e decidi que, nos finais de semana, não iria fazer nada, apenas iria às livrarias, circular pelo meu bairro. Foi aí que conheci o Evandro Affonso Ferreira, escritor que tinha um sebo chamado Avalovara. Evandro propôs que começássemos uns encontros com escritores para leituras de textos. Começamos a fazer essas leituras em um café, na Vila Madalena, aos sábados. Aí fui encontrando meus pares, essa interlocução que faltava. Apareceram por lá Nelson de Oliveira, Marcelo Mirisola, Luiz Ruffato, Ivana Arruda Leite, Marçal Aquino, Andrea Del Fuego, Ronaldo Bressane e até Valter Hugo Mãe pintou por lá, entre outros. Era uma geração que também estava muito inquieta, queria ter contato com outros autores.

Primeira editora

No sebo Avalovara, Evandro conheceu João Alexandre Barbosa, crítico literário muito respeitado, que acabou indo a um dos nossos encontros de sábado. João Alexandre me viu lendo em voz alta “Muribeca”, o conto que abre o *Angu de sangue*. Ele gostou e me pediu para

que enviasse a ele outras histórias, pois me indicaria para a Ateliê Editorial. E, de fato, ele me indicou. Plínio Martins, editor, adorou o projeto e o *Angu* saiu por lá no ano 2000. Foi publicado com prefácio de João Alexandre Barbosa, que à época escrevia na revista *Cult*. Devo minha trajetória à generosidade dessas duas figuras, João Alexandre e Plínio. E a Evandro, com quem tudo começou.

Tem que ter sorte

No ano 2000, ainda havia muitos suplementos literários. E todos repercutiram o lançamento do *Angu de sangue*. Lembro de uma coisa muito maluca: a *Folha de S. Paulo* tinha um caderno chamado “Inéditos Folha”. No primeiro sábado do mês, saía um caderno dentro da “Ilustrada”, com trechos de livros que ainda não haviam sido publicados. Eles antecipavam as novidades do mercado editorial. Pedi para a Ateliê mandar para alguns jornalistas a prova do *Angu*. Mas o que eu fazia: mandava a prova junto com um exemplar do *eraOdito* — ou seja, ocorria de a pessoa já conhecer o livro e eu mandava de novo. Um dia, a editora do “Inéditos” chegou para Cassiano Elek Machado, naquele tempo um jovem jornalista da *Folha*, desesperada dizendo que a autora que iria sair no caderno do fim de semana já havia divulgado o texto dela no *Jornal do Brasil*. O conteúdo programado para sair não era mais inédito, portanto. Cassiano então olhou para um canto, olhou para o outro, e viu o *Angu de sangue*. Ele leu os originais e gostou. Na quinta-feira me entrevistou, na sexta escreveu a matéria para sair no sábado. Quando dei conta, antes do lançamento do livro, os contos já tinham saído em um caderno inteiro da *Folha*. Isso, de alguma forma, norteou os outros su-

plementos. Era um caderno importante o “Inéditos”. Os outros suplementos logo depois vieram atrás para resenhar o livro. Essa minha história me lembra Millôr Fernandes, quando perguntaram para ele qual o conselho que daria para escritores iniciantes, que estão começando. Eis o conselho que Millôr deu: “Tenham sorte”. Tem isso também, né?

BaléRalé

Em 2003, eu publico *BaléRalé*, com o texto de orelha escrito pelo saudoso e querido João Gilberto Noll. É um livro assumidamente homossexual. Não digo aqui que exista uma literatura homossexual, mas eu sentia necessidade de tocar na questão da sexualidade. Afinal, eu já estava morando em São Paulo há muito tempo, longe da família e, portanto, me sentia com uma liberdade maior, digamos. É um livro que de cara apresenta essa temática — desde a capa, que traz duas múmias *gays* encontradas abraçadas num pântano na Holanda. O *BaléRalé* também é especial para mim porque foi este livro que me levou para a Jornada Literária de Passo Fundo e a Jornada me levou para a FLIP, em 2004, na segunda edição. Lembro de que eram três jovens escritores: Joca Reiners Terron, Daniel Galera e eu. Éramos a aposta da FLIP naquele ano.

Record

Devido à repercussão de *BaléRalé* e da minha participação na FLIP, a Luciana Villas-Boas, então diretora-
-editorial da Record, me procurou perguntando se eu tinha originais. Disse que tinha dois livros: *Contos negreiros* e um romance. Ela propôs contratar os dois. Então fui conversar com o Plínio Martins, da Ateliê, e falei: “Plínio, está acontecendo isso, me convidaram para outra editora”. Ele me disse para ir, porque na Record fariam coisas por mim

que a Ateliê não conseguiria fazer. Eu fui para a Record, mas meus livros editados pelo Plínio, *Angu de Sangue* e *Balada Literária*, continuam na Ateliê. E por lá ainda deixei a antologia de microcontos, *Os cem menores contos brasileiros do século*, organizada e criada por mim em 2004. Havia uma proposta para eu levar todos os livros para a Record. Mas eu disse não. Quem for ler *Nossos ossos* pela editora grande, pode ir em busca do *Angu de sangue*. “Ah, mas eu não encontro o *Angu*”, sempre alguém vem me dizer. Procure, problema seu, está lá na Ateliê. Continua lá até hoje. É só pedir. Foi lá onde tudo começou, é ou não é?

Aperreado

Sou um cara muito aperreado. Faço a Balada Literária porque sou aperreado. Não tenho patrocínio, não sou rico, então tudo é muito aperreio. Viajo bastante para poder trabalhar. Luto demais. Já estou acostumado a me virar. Nunca me senti “desacontecido”, sobretudo agora, num momento em que as coisas “desacontecem”. Quem está muito acostumado à mamatinha, diz: “Oh, o que vou fazer agora da minha vida?” Essa pessoa nunca pegou no pesado, nunca enfrentou a vida como um demônio do bem. O que estou querendo dizer é que esse meu aperreio sempre foi constante, quer seja para fazer a “Balada Literária”, para escrever os livros, para viajar pelo Brasil palestrando, etc. O aperreio é o que me leva. Dificuldade, qualquer uma, não me paralisa. Se fosse assim, minha família teria morrido em Sertânia.

A vida é muito curta para ser pequena

Essa frase é do Chacal. Quando eu estava escrevendo meu primeiro romance, *Nossos ossos*, me lembrei dessa frase: “A vida é muito curta para ser pequena”. E

usei em um trecho do livro. Não gosto de ficar colocando nota de rodapé. Quem lê de verdade sabe que esse livro, que esse título é dele. Um dia, em uma palestra em Belo Horizonte, falei para o querido Chacal, publicamente: “Olhe, não foi plágio, foi uma homenagem que fiz para você”. Aí ele me disse: “Mas essa frase também não é minha”. Está vendo? Morro de rir com essa história. Ladrão! Ladrão! Escritor é tudo ladrão! Mas, respondendo à sua pergunta, falando sobre a frase em si, realmente a vida é muito curta para você fazer dela uma coisa pequena. Sem contar que tudo à nossa volta faz com que você encare a vida como uma coisa pequena. Tudo faz a gente se sentir pequeno. Prédio, dinheiro, tudo deixa a gente pequeno demais. O sertão, aquele so-

frimento da minha mãe, aquele sacrifício, tudo a fazia se sentir pequena, sem dinheiro, sem carne para o almoço, etc. O que tinha a minha mãe, então? Uma vontade grande, imensa, maior do que a gente. Essa minha trajetória, essa que você citou no começo desse nosso encontro, isso que está aí nesse papel, lido na abertura dessa nossa conversa, se fiz tudo isso até agora foi para não me sentir pequeno. Para não fazer da minha vida uma vida pequena. Faço as coisas assim, de igual para igual com a vida. Faço porque não quero me sentir um covarde. Faço porque eu sei, no fundo, que eu não posso, mas acredito sempre que eu posso e eu acabo podendo. É a minha grande vingança. Tudo em mim é uma grande vingança, repito. É assim que eu sigo vivendo.■



Por dentro da ABL

O jornalista e cronista **Alvaro Costa e Silva** faz um perfil da Academia Brasileira de Letras, entidade que acaba de completar 120 anos e reúne não apenas escritores, mas também personalidades da cultura brasileira

Divulgação ABL



Ao longo do tempo, ela teve alguns apelidos: cenáculo, sodalício, Petit Trianon, Trianonzinho. E o mais imponente deles: Casa de Machado de Assis. A estátua do escritor, que antes dominava o jardim em frente à Avenida Presidente Wilson, no Centro do Rio, hoje está recuada ao lado do prédio, mas lá continuam a inscrição “Para que o desaparecido da terra voltasse à superfície da vida ressurgido em glória” e a frase famosa que anima a vida acadêmica: “... a glória que fica, eleva, honra e consola”. Ao mesmo tempo vetusta e moderna, a Academia Brasileira de Letras — ou simplesmente a ABL — está fazendo 120 anos.

A ideia da Academia foi do escritor Lúcio de Mendonça, que costumava se reunir para beber chá com Machado de Assis (eleito o primeiro presidente), Joaquim Nabuco, Graça Aranha, Olavo Bilac, os mais notáveis literatos da época. A sessão inaugural se realizou no dia 20 de julho de 1897, no Pedagogium, perto do Passeio Público. No Brasil real, jacobinos e monarquistas viviam a pauladas e pedradas nas ruas, e uma primeira expedição militar tinha sido enviada ao arraial de Canudos, no sertão baiano.

“Essas datas redondas ensejam que você se dê conta do papel da instituição na trajetória brasileira”, acredita Nélida Piñon, que desde 1999 ocupa a cadeira nº 30. “No tempo da fundação, recém-saíamos da monarquia. Tínhamos a destruição de uma iconografia sagrada, que era a barba do imperador, e vivíamos desconfiados da república. Lembremos Canudos. Para Vargas Llosa, foi um movimento de fanáticos. Para mim, a reação de um povo abandonado, repudiado, miserável, pobre. De repente, essa sociedade resolve, por força de um grupo de alto brilho intelectual, criar a Academia. E todos os acadêmicos eram pobres também.”

No início, a sede da ABL foi itinerante: mudou-se para o Ginásio Nacional, deste para a Biblioteca Fluminense e até para o escritório do advogado e político Rodrigo Octavio. Um ato oficial a instalou em uma ala do Silogeu, na Lapa. Por fim, em 1923, o governo da França doou o Petit Trianon, réplica do de Versailles, construído para abrigar o pavilhão francês na Exposição do Centenário da Independência. Nesses tempos de vacas magras, o livreiro Francisco Alves a socorreu para o futuro, deixando uma fortuna em imóveis. Ao lado do Petit Trianon, o Palácio Austregésilo de Athayde, prédio gigante com 28 andares, 12 elevadores sociais e 112 vagas de garagem, foi inaugurado em 1979. A Academia — agremiação privada sem fins lucrativos que, em sua administração, emprega 127 funcionários — depende dele para existir.

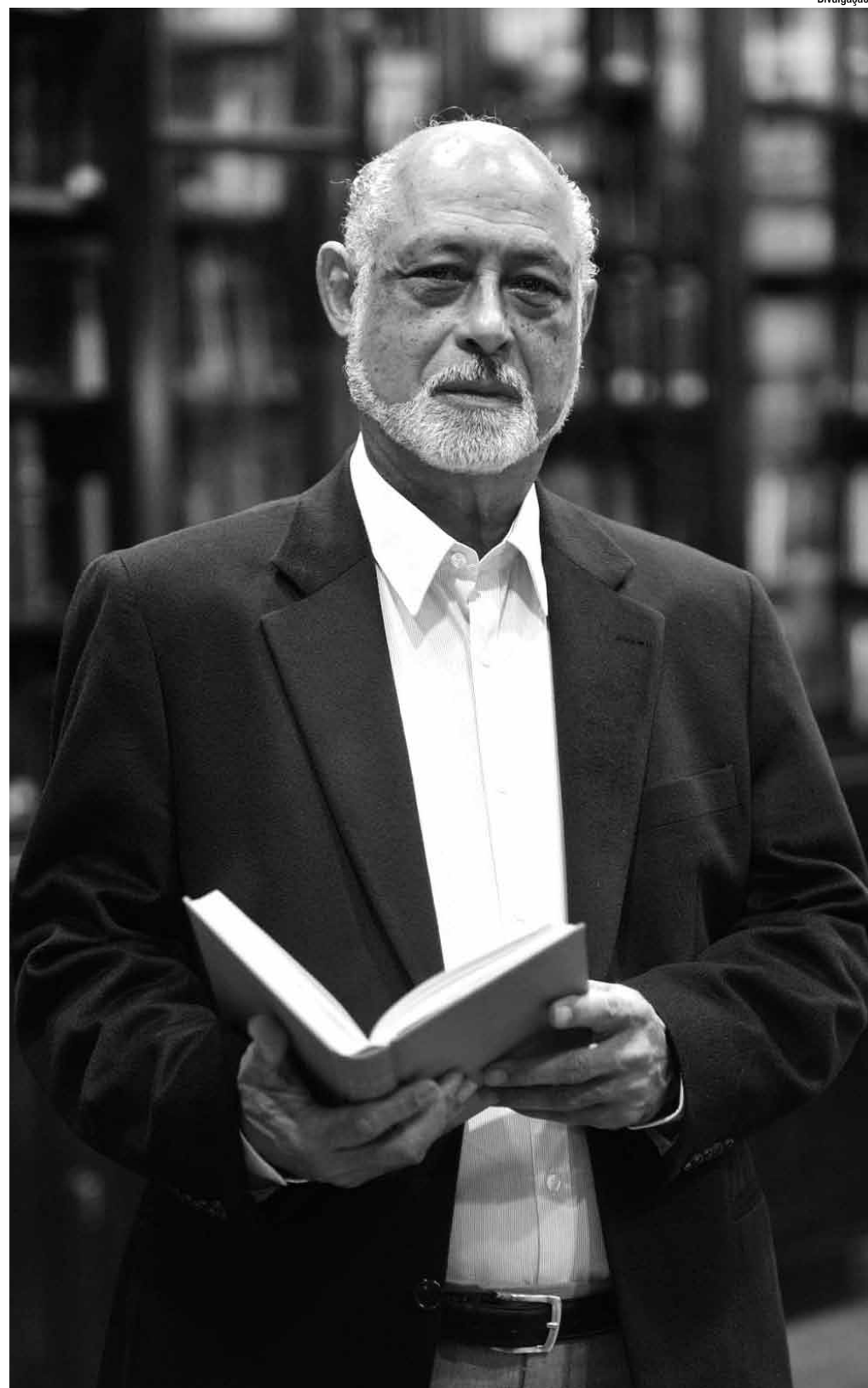
Tempo instável

Domício Proença Filho — como ele mesmo se define — é “o presidente da crise”. Eleito para o biênio 2016-2017, o pesquisador da língua portuguesa diz que anda com os cintos bem afivelados. “A ABL está sofrendo os impactos da crise econômica que o país atravessa. Muitas pessoas pensam que somos uma repartição pública. Quando tomei posse, recebi congratulações pela minha ‘nomeação’. A ABL não tem subvenção. Vivemos de aplicações financeiras e sobretudo do aluguel de nossas salas no prédio comercial. Como o mercado imobiliário foi afetado, entramos em turbulência. Por sorte, fomos precavidos e agimos com cautela. Mesmo assim, tivemos de tomar algumas medidas emergenciais.”

A mais drástica foi o corte no programa de edições. Estão suspensas as publicações da *Revista Brasileira* e das coleções “Afrânio Peixoto”, que contempla obras clássicas esgotadas, e “Austregésilo de Athayde”, destinada a autores contemporâneos. Continuam em atividade os ciclos de conferências, as sessões semanais com a participação dos acadêmicos, além do seminário “Brasil, Brasis”, que trata mensalmente de temas vinculados à realidade brasileira contemporânea. A instituição oferece ainda, no Teatro Raimundo Magalhães Jr., com capacidade para 300 pessoas, concertos de música de câmara e de música popular brasileira.

As visitas guiadas são o projeto com maior aceitação do público: um grupo de atores, com vestimentas de época, acompanha os visitantes contando fatos históricos e curiosidades dos imortais, enquanto percorrem o Salão Nobre, a Sala dos Poetas Românticos e a Biblioteca Lucio de Mendonça. Esta, atualmente com 30 mil volumes, abriga doações das coleções particulares dos acadêmicos e de bibliófilos, destacando-se a edição “princeps” de *Os Lusíadas* e um raríssimo exemplar das *Rhythmas*, de Luís de Camões, impresso em 1595.

Inaugurada em 2005, a Biblioteca Rodolfo Garcia, que atende à comunidade em geral e, em especial, a pesquisadores graduados, com quase 85 mil volumes, é a menina dos olhos de Domício Proença Filho. “Como a ABL não tem destinação pedagógica, não podemos oferecer projetos de formação de leitores. Mas tudo aqui é incentivo à leitura. Nossa escola é a literatura, respiramos livros. Visitem nossas bibliotecas e consultem nossos arquivos disponíveis na internet”, convida o atual presidente.



Divulgação

O atual presidente da ABL, Domício Proença Filho, diz que muitas pessoas ainda acham que a instituição é um órgão público: “Quando tomei posse, recebi congratulações pela minha ‘nomeação’”, diz.

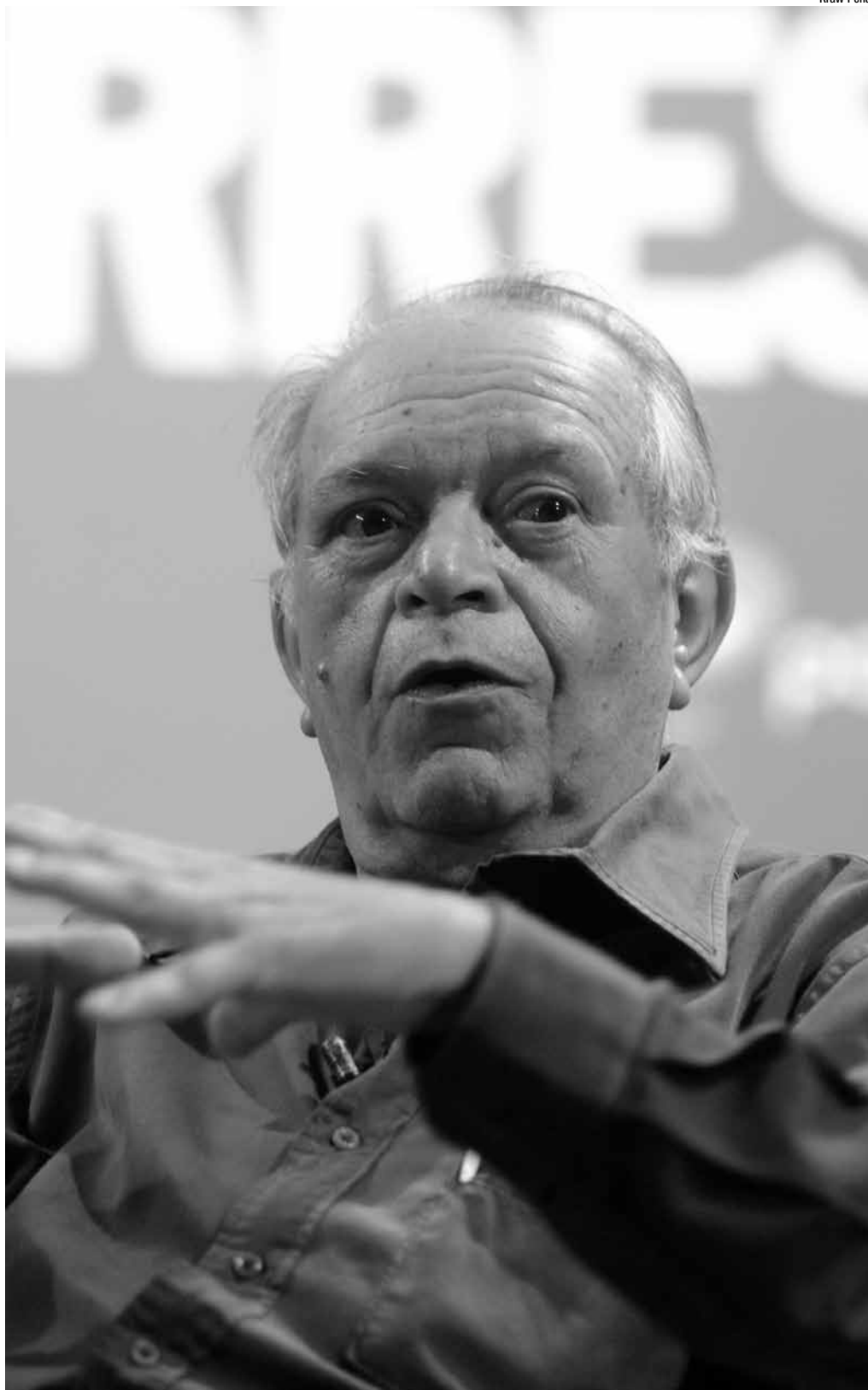
A próxima administração, cujo mandato irá começar no ano que vem, tem a promessa de uma folga nas finanças. Decano entre os acadêmicos, titular da cadeira nº 38 desde 1980, o senador José Sarney patrocinou a aprovação de um projeto de lei que dá isenção tributária e perdão das dívidas em aberto com a Receita Federal à ABL. O presente, que também se estendeu à Associação Brasileira de Imprensa e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, levou a assinatura do presidente Michel Temer, poeta bissexto que — dizem alguns bustos do Petit Trianon — nutre a veleidade de vestir o fardão.

“A vigência da isenção é só a partir de 2018. Mas, sem dúvida, num momento difícil, facilita a continuação das atividades”, diz Nélida Piñon, atual secretária-geral e candidata à presidência praticamente eleita na votação de dezembro. Será a volta de Nélida, que em 1997 se tornou a primeira mulher a ocupar o cargo — e justamente no ano do centenário da ABL. Seu prestígio entre confrades e congreiras (Lygia Fagundes Telles, Ana Maria Machado, Cleonice Berardinelli, Rosiska Darcy de Oliveira) continua enorme. “Minha gestão como presidenta foi uma prova de que não havia preconceito. Concorri com os maiores cardeais da casa, todos os homens, e ganhei”, lembra a romancista carioca.

Para ser imortal

A Academia Brasileira de Letras é um dos clubes mais fechados do país. Com apenas 40 sócios, efetivos e perpétuos. “Quarenta grandes egos”, completa Nélida. Uma velha blague de Olavo Bilac afirma que os acadêmicos eram chamados de imortais porque “não tinham onde cair mortos”. Não é bem assim. Eles não gostam de falar no assunto, mas têm um salário, que fica em torno de R\$ 10 mil mensais. São os famosos “jetons”, recebidos pelas participações nos encontros das terças e quintas. Todos têm planos de saúde e direito a ser enterados no mausoléu do Cemitério São João Batista.

Para entrar na ABL, o estatuto estabelece que é preciso ser brasileiro nato e ter publicado, em qualquer gênero de literatura, ao menos uma obra de reconhecido mérito. Isso explica porque não só escritores de ficção compõem o grupo. “O modelo de notáveis foi inspirado na Academia Francesa. Se fosse exclusivamente de escritores, ela teria um futuro duvidoso”,



O persistente: o romancista baiano Antônio Torres foi derrotado em duas votações até ser eleito para a cadeira número 23 da ABL, cujo patrono é José de Alencar.

acredita Domício Proença Filho. “Daí que no passado tivemos Getúlio Vargas, e agora temos Fernando Henrique Cardoso. Ivo Pitanguy era o maior cirurgião plástico do mundo, e conhecia profundamente todos os romances de Balzac e sabia de cor os versos de Rimbaud. Hoje contamos com cineastas como Nelson Pereira dos Santos, economistas como Edmar Bacha, jornalistas como Zuenir Ventura.”

Na verdade, um candidato, para ter reais chances de vestir o fardão — o uniforme de gala, inspirado na roupa dos carabineiros de Calábria, casaca verde musgo bordada com fios de ouro, camiseta, suspensório e chapéu de veludo estilo Napoleão, além da espada presa à cintura — precisa mais do que ter publicado, por conta própria, uma pequena brochura com versos de circunstância. É necessária uma representatividade reconhecida pela confraria. Ou ter uma história indiscutível dentro da cultura brasileira. Um exemplo sempre citado é o de Alberto da Costa e Silva, que reúne, em um só acadêmico, as qualidades de diplomata, poeta, historiador, memorialista, africanólogo.

A eleição é por maioria absoluta de votos, e os papéis com as escolhas são queimados num caldeirão. Durante a campanha, o fundamental é chegar na hora certa, ter senso de oportunidade: “Na primeira vez, cheguei atrasado”, reconhece Antônio Torres. “Fui entregar a carta de candidatura. Ainda na porta do elevador, o então presidente Cícero Sandroni a recebeu e me ofereceu uma carona. No carro, ele disse: ‘Não vou votar em você. Já me comprometi com o Luiz Paulo Horta, e acho que ele vai ganhar. Mas você faz muito bem em se candidatar. Não desista. Vá até o fim. Você vai perder, mas não desista’. Repasso esses ensinamentos para os futuros pretendentes”, diz Torres.

Na segunda tentativa, o escritor também se atrasou, mesmo entregando a carta logo após a sessão da saudade (quando a cadeira é declarada vaga oficialmente) de Moacyr Scliar. A maioria dos acadêmicos já estava comprometida com a candidatura do jornalista Merval Pereira, que, com obra menos expressiva que a do adversário, contava com a força das Organizações Globo. “Aprendi a não ficar afobado”, conta ele, enfim eleito em 2013. Sua cadeira é a 23, cujo patrono é José de Alencar e o fundador Machado de Assis — tudo a ver com um romancista de vocação como Torres.



Divulgação

Nélida Piñon é a atual secretária-geral da Academia e candidata à presidência no próximo pleito, em dezembro. Em 1997, ela se tornou a primeira mulher a ocupar o cargo.

Na dança das cadeiras, a próxima já tem dono: o poeta e ensaísta Antonio Cícero será eleito em agosto para a vaga de Eduardo Portella. O escritor Alfredo Sirkis e Claudio Aguiar, presidente do PEN Clube do Brasil, não têm chances. A lista de futuros candidatos vistos com bons olhos pelos acadêmicos também está esboçada: a jornalista Míriam Leitão, apoiada por Merval Pereira, hoje um dos cardeais da casa; o jurista Joaquim Falcão; os economistas Eduardo Gianetti da Fonseca e Gustavo Franco; entre os escritores, os nomes mais fortes são os de Ignácio de Loyola Brandão — que ganhou o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da obra, um indicativo da própria ABL — e de Alberto Mussa, considerado uma barbada. Ganha quando se candidatar, o que não está em seus planos, ao menos por enquanto.

Clima amistoso

Apesar das disputas, o clima é de harmonia. “A ABL é uma casa de amigos”, garante Domício Proença Filho. “O mais importante é fazer de nossas sessões um espaço de reflexão e de preservação da memória. Em que outro lugar pode-se ouvir o depoimento de Alberto da Costa e Silva sobre a gênese da obra de Guimarães Rosa feita pelo próprio autor? Ambos eram colegas no Itamaraty, e Alberto conta que Rosa teve receio na hora de dar o título do seu genial romance. Achava que *Grande sertão: veredas* poderia soar como um plágio de *Os sertões* de Euclides da Cunha.”

Para Nélide Piñon, existe um raro entendimento entre os imortais, mesmo em nossos atuais tempos de radicalismo: “Somos independentes, e temos total liberdade de manifestação. Isso não significa que vamos para o plenário pregar ideologias. Entre nós há discrepâncias enormes, mas aqui não é o Congresso. Não fazemos

leis que afetem a vida dos brasileiros. Cuidamos da língua portuguesa e da literatura brasileira”.

Um dos caçulas da turma, eleito em outubro do ano passado, o dramaturgo e poeta Geraldo Carneiro — que um dia pertenceu à Geração Marginal — vale-se de uma história de Millôr Fernandes para ilustrar sua recente imortalidade. Com a casa em obras, Millôr foi obrigado a empilhar todos os seus livros nos corredores, junto às paredes. Um mestre-de-obras olhou aquilo, meditou um instante e falou: “Quanta ignorância!”.

“É exatamente assim que me sinto”, conta Geraldo. “Quanto mais converso com os confrades, mais descubro que nada sei. É muito bom ter contato com grandes especialistas em diversas áreas do conhecimento. Em seu discurso de posse, Manuel Bandeira confessa que, ao entrar para a Academia, espantou-se com a massa crítica que encontrou na casa. Quando li isso, fiquei assustadíssimo. Se Bandeira se sentiu assim, como vou me sentir?”.

Com os longos cabelos que cultivava desde a explosão dos Beatles nos anos 1960 — os quais motivaram certa controvérsia durante a campanha — o poeta vai levando a nova função com garbo. Prepara um seminário sobre a arte da tradução. Já convidou o acadêmico Marco Lucchesi e o tradutor Paulo Henriques Britto, com a intenção de discutir a importância do trabalho de Olavo Bilac, Onestaldo de Pennafort, Odorico Mendes, Paulo Mendes Campos.

Na ABL, Geraldo voltou a ser Geraldinho. Ele explica: “Só me chamavam com o diminutivo em casa. Ou amigos de infância. Ou ainda quando queriam demonstrar uma falsa intimidade. Como na Academia já estava o ilustre ensaísta Geraldo Holanda Cavalcanti, voltei a ser Geraldinho. É uma espécie de maldição ou benção”. ■



Alvaro Costa e Silva é jornalista desde 1988. Em jornais e revistas cariocas foi repórter, redator, colunista e editor. Publicou o livro *Dicionário amoroso do Rio de Janeiro*. Atualmente é colunista do jornal *Folha de S.Paulo*. Vive no Rio de Janeiro (RJ)

Visibilidade para autores paranaenses

Prestes a completar 81 anos de atividade, a Academia Paranaense de Letras tem entre as suas metas difundir a História do Paraná nas escolas e restaurar o Belvedere – prédio localizado no Centro Histórico de Curitiba

DA REDAÇÃO



Literatura e assuntos do universo cultural estão no cardápio do café da manhã mensal da APL.



Cedido à APL pelo Governo do Paraná, o Belvedere deve abrigar o Observatório da Cultura Paranaense. Recentemente, a prefeitura de Curitiba transferiu recursos para o restauro do imóvel.

O convívio que viabiliza diálogo a respeito de literatura e assuntos do universo cultural é um dos fatores que motiva e aproxima os integrantes da Academia Paranaense de Letras (APL). Toda segunda quarta-feira de cada mês, eles se reúnem para um café da manhã em uma unidade do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), no centro de Curitiba. Também participam de uma reunião-almoço uma semana antes, no Caffè Milano, no bairro Batel, para discutir a pauta do encontro.

O presidente da APL, Ernani Buchmann, diz que há vantagem em participar de uma entidade que tem entre seus integrantes figuras exponenciais da vida paranaense. “Estão lá grandes personalidades das expressões literárias, culturais, artísticas e científicas do Estado. Não te parece uma ótima razão? Claro, existe aquela ‘coisa’ de imortal, mas isso é simples detalhe. Todos somos mortais, obviamente”, afirma Buchmann, advogado, consultor de comunicação e escritor.

Em sintonia com o discurso do presidente da APL, Guido Viaro também diz que a principal vantagem de ser um acadê-

mico é a convivência com pessoas, em sua opinião, “admiráveis”. “Além disso, participar da APL proporciona uma visibilidade para um público diferente daquele que, em média, tem acesso a minhas obras”, comenta Viaro, 48 anos, o mais jovem integrante da associação, autor de 13 romances.

Buchmann, que seguirá à frente da APL até o final de 2018, salienta que não há desvantagem em participar da entidade, mas faz uma ressalva: “Talvez para quem seja antissocial, o fato de participar de eventos, ouvir um discurso ou outro e abraçar os colegas [não seja uma vantagem]. De minha parte, sempre aprendo com os demais acadêmicos. Gosto muito.”

Várias variáveis

Criada em 26 de setembro de 1936, a partir do modelo da Academia Francesa — são 40 cadeiras com caráter de perpetuidade —, atualmente a APL tem entre os seus integrantes o jurista René Dotti, o empresário Oriovisto Guimarães, o presidente da Federação do Comércio do Paraná (Fecomercio), Darci Piana, os poetas Adélia Maria Woellner e João Manoel Simões,

as professoras e pesquisadoras Maria José Justino e Marta Moraes da Costa, o prosador Paulo Venturelli e os jornalistas Adherbal Fortes, Carneiro Neto, Dante Mendonça, Laurentino Gomes, Luiz Geraldo Mazza, Nilson Monteiro e Roberto Muggiati, incluindo também o prefeito de Curitiba, Rafael Greca, entre outros.

Nilson Monteiro analisa que a APL tem uma amplitude intelectual e cultural, tanto em sua atual composição quanto a prováveis futuros componentes. Em relação à presença de vários jornalistas na instituição, Monteiro diz que há, de fato, uma tendência de a APL incorporar profissionais de imprensa. “Muitos jornalistas, além de atuarem em jornal, rádio ou tevê, também são escritores talentosos. Devido a isso, inúmeros jornalistas paranaenses merecem uma cadeira na APL”, observa.

Ampliar horizontes

Além dos encontros, a APL publica uma revista, que em breve chega na edição 67. Nesta gestão, Buchmann pretende disseminar a literatura e a cultura do Estado do Paraná — objetivos da en-

tidade. Ele quer implementar o projeto “Academia vai à escola”, para apresentar a História do Paraná aos estudantes de todo o Estado, e ainda editar obras de autores paranaenses, entre outras ações.

Outra meta da APL é atrair para a entidade importantes autores do Estado. “A recente eleição de Roberto Gomes, para a cadeira 31, é só o começo. Outros nomes virão em breve”, anuncia. A restauração do Belvedere, prédio localizado no Centro Histórico, como espaço da APL é outra bandeira de Buchmann. Hoje, a sede está localizada no Sesc da Esquina, junto à Biblioteca Norton Macedo — administrada pelos acadêmicos.

Anualmente, cada integrante paga uma taxa de R\$ 550 (quinhentos e cinquenta reais) e, no momento, há uma vaga aberta — para a cadeira 22. Para concorrer, é necessário ser nascido ou viver no Paraná há mais de dez anos e enviar ao presidente um ofício expressando a vontade de participar da eleição, um *curriculum vitae* e exemplares de sua produção literária ou acadêmica. “Só isso, antes de se submeter ao escrutínio dos acadêmicos”, completa o presidente da APL. ■

Doze passos da mandala

(I)

Despertei...
Consegui pronunciar
palavras
e tudo começou,
só para perceber
a experiência de existir.

(II)

Encontrei
fronteiras,
segui rumos,
observei belezas e sombras,
só para perceber
que estava em terra firme.

(III)

Andei pelo mundo,
colhendo imagens duplas,
leste, oeste,
norte, sul
(— pra que lado eu vou?).
Com minha própria imagem,
no espelho da vida,
falei comigo,
tanto, tanto,
só para perceber
que eu era uma só.

(IV)

Uni semelhantes
e até estranhos,
me enrosquei,
criei laços,
só para perceber
que precisava buscar
a libertação.

(V)

Ousei invadir
a jaula do meu leão,
só para perceber
que as grades
deixam fluir a luz.

(VI)

Metódica, disciplinada,
persistente,
criei resistências
só para perceber
o prazer de poder mudar.

(VII)

Saltei pelos pratos da balança.
Fui sacudida
em altos e baixos,
só para perceber
que no centro
estava a paz.

(VIII)

Juntei, amalhei,
pensando na eternidade.
Conceitos e coisas
envelheceram,
esgarçaram.
O sino ecoou
em despedida.
Morri um pouco,
só para perceber
o impulso da renovação.

(IX)

Ansiei expansão.
Insisti para encontrar
espaços amplos,
benéficos.
Pintei rosto alegre,
nas folhas do tempo...
Construí morada em lábios de
sorriso.
Na porta da casa,
fiz da flecha
fechadura e proteção.

(X)

Percorri estágios,
montei estruturas,
seduzida pelo poder.
Alcancei o cimo,
olhei em torno,
para enxergar o vazio.
Desci pelo outro lado
da montanha,
só para perceber
o valor
da reconstrução.

(XI)

Percorri o caminho
do meu menino
carregando água,
borrifando, por igual,
gotas nas margens,
alegrando rosas e ervas daninhas,
só para perceber
a partilha
e a natureza saciada e feliz.

(XII)

Mergulhei no mar,
perdi a noção do tempo.
Nele, não era mais eu.
Investiguei profundezas,
me diluí num céu misterioso,
só para perceber
que existem encantamentos.



Adélia Maria Woellner nasceu em Curitiba (PR). É integrante da Academia Paranaense de Letras e do Centro de Letras do Paraná, entre outras entidades culturais. Autora, entre outros títulos, da coletânea de crônicas *Loucura lúcida* (2009) e do livro de poemas *Tempo de escolhas* (2013). Vive em Piraquara (PR).

Quando o ser está sendo

Obra que investiga por que alguém se torna o que é, o romance de formação é identificado desde a Grécia Antiga, definido como tal no século XIX e atualmente reinventado por autores como o norueguês Karl Ove Knausgard e o brasileiro Michel Laub

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Reprodução



Os meninos da rua Paulo, de Ferenc Molnár, acaba de ser reeditado no Brasil.

Um livro considerado por estudiosos como um clássico romance de formação acaba de ser reeditado no Brasil. Trata-se de *Os meninos da rua Paulo*, narrativa literária do húngaro Ferenc Molnár, publicada originalmente em 1907. A obra apresenta duas turmas que disputam um pedaço de terra cercado, o “grund”. Lealdade, competição e outras questões do universo adulto, que podem e certamente devem ter impacto no futuro dos personagens, aparecem no cotidiano de garotos. Nesta nova edição brasileira, o livro — já encenado e com adaptações para o cinema — traz um texto do escritor Michel Laub.

Ele afirma que *Os meninos da rua Paulo* foi um dos livros que o ajudou na transição entre os gibis (“narrativas baseadas em desenho, com pouco texto”) e a literatura adulta. “Esse tipo de coisa costuma ser desprezada nas genealogias de influências de escritores, mas são tão ou mais importantes que os romances que influenciaram meu jeito de escrever, por exemplo. Se não tivesse me tornado um leitor, não teria virado escritor. É bem básico, e o livro do Molnár tem papel crucial no processo”, diz Laub, autor, entre outros, dos romances *A maçã envenenada* (2013) e *O tribunal da quinta-feira* (2016).

Laub lembra que, levando em consideração a definição clássica, romance de formação é uma obra que investiga por que alguém se torna o que é: “É um livro que apresenta a formação da identidade psicológica/moral/cultural de um persona-

Guilherme Pupo



Michel Laub é um autor de romance de formação, no caso, *Diário da queda*.

gem, construída a partir de certos fatos decisivos, em geral ocorridos na infância/adolescência”.

O professor na Pós-Graduação de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Lourival Holanda acrescenta que o romance de formação — ou de aprendizagem — é a narrativa em que o personagem testemunha a maneira como se formou ao longo do processo, subentendendo contato com o mundo, experiência. Difere do épico, acrescenta Holanda, porque

neste caso um personagem já é “inteiro” quando se apresenta. “O romance de formação expõe fases, mudanças, tanto da sociedade quanto do indivíduo. Aqui o ser não é — está sendo”, completa.

O especialista da UFPE acredita que a dura realidade das ruas contada com maestria por Molnár fez de *Os meninos da rua Paulo* um clássico romance de formação: “O enquadramento poético impede de torná-lo libelo social menor”. Já o professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) Mar-

cus Soares analisa que *Os meninos da rua Paulo* não é necessariamente um exemplo de romance de formação: “Embora possua aspectos que dizem respeito ao aprendizado de vida dos personagens envolvidos, especialmente em relação à descoberta dos valores que devem pautar as relações pessoais, o livro de Molnár não apresenta o percurso que paulatinamente explicita o processo de transformação por meio do qual os personagens podem atingir a sua maturidade intelectual e humana.”



Reprodução



O escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) escreveu *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* [ao lado], primeira obra literária a ser definida como romance de formação.

No entendimento de Soares, romance de formação é uma modalidade do gênero romance, cujo enfoque se baseia no processo de transformação ou amadurecimento do protagonista, decorrente das adversidades pelas quais ele passa em sua trajetória pelo mundo, “em um percurso que o constitui, subjetiva e objetivamente, enquanto indivíduo socialmente configurado” — algo que o pesquisador diz não identificar em *Os meninos da rua Paulo*.

Bildungsroman & antecedentes

Apesar da polêmica a respeito de

Os meninos da rua Paulo, fato é que o romance de formação começou a ser discutido como tal a partir do século XIX. O filólogo alemão Karl Morgenstern usou o termo *Bildungsroman* (romance de formação, em alemão) pela primeira vez na conferência “Sobre o espírito e a coesão de uma série de romances filosóficos”, pronunciada em 1810 e — mais tarde — em 1819, em outra conferência intitulada “Sobre a natureza do *Bildungsroman*”, na qual tratou mais diretamente do romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe.

Publicado em duas partes, inicialmente em 1795 e em 1796, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* apresenta o filho de um casal burguês que decide atuar no teatro, o que não corresponde às expectativas de sua família. Nos momentos finais, o protagonista faz uma observação a respeito de sua escolha e do que ela representou em seu percurso: “— Não sei o valor de um reino — replicou Wilhelm —, mas sei que alcancei uma felicidade que não mereço e que não trocaria por nada do mundo”.

Marcus Soares observa que o termo *Bildungsroman* se popularizou com

Wilhelm Dilthey, em seu livro *Poesia e experiência* (1906), e a partir daí acabou se corporificando na tradição crítica de língua alemã com as contribuições de Georg Lukács e Thomas Mann, entre outros. Lourival Holanda lembra que, antes de Karl Morgenstern cunhar o termo *Bildungsroman*, evidentemente já havia narrativas de formação, da *Odisseia*, de Homero — “na Paideia grega ela formava o ideal do jovem [em texto que trazia o jovem ideal] em ousadia e valentia” — aos griots [contadores de histórias] afros narrando “que apontavam um norte, formavam memória e caráter”.

“Cada vida é um exemplar do possível, não necessariamente uma vida exemplar. Para o mercado livreiro, interessam tanto Bruna Surfistinha como Madre Teresa de Calcutá: são possibilidades.”

Lourival Holanda, professor da UFPE

Entre as obras que são referências no que diz respeito a romance de formação, Lourival Holanda, Marcus Soares e Michel Laub citam *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger, e *O Ateneu*, de Raul Pompeia. Individualmente, Holanda menciona *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe, *Retrato do artista quando jovem*, de James Joyce, *Infância*, de Graciliano Ramos e *Mil rosas roubadas*, de Silviano Santiago.

Já Marcus Soares destaca, entre outros livros, *O mulato*, de Aluísio Azevedo, *O menino de engenho*, de José Lins do Rego, *O país do carnaval*, de Jorge Amado, *As aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain, *David Copperfield*, de Charles Dickens e *Demian*, de Herman Hesse — estes dois últimos também são indicados por Michel Laub [leia mais nas páginas 26 e 27].

Exemplares ou não

Marcus Soares analisa que o romance de formação se transformou durante a passagem do tempo. No século XVIII, ele explica, há um resultado mais positivo do percurso formativo, na medida em que o protagonista acaba se adaptando ao mundo, a despeito, ou mesmo por conta, dos percalços pelos quais passa. “Já no século XIX, o resultado é, ao contrário, expressão da própria negatividade, uma vez que o indivíduo,

ao não se adaptar à realidade que o cerca, torna-se um ser melancólico ou misantropo”, comenta, acrescentando que, no século XX e contemporaneamente, há um certo niilismo existencial, no qual o percurso empreendido e a própria realidade deixam de fazer sentido.

Dialogando com Soares, Lourival Holanda afirma que a formatação da cultura mudou. O professor da UFPE percebe que, atualmente, o contexto é mais propositivo que impositivo. “Cada vida é um exemplar do possível, não necessariamente uma vida exemplar. Para o mercado livreiro, interessam tanto Bruna Surfistinha como Madre Teresa de Calcutá: são possibilidades”, afirma. De acordo com Holanda, o leitor contemporâneo tende a se enriquecer com as inúmeras e diversas leituras, ainda que pelo viés oblíquo da experiência do outro: “Tudo me é lícito, mas nem tudo é edificante, como se dizia antigamente: tudo é lícito [em literatura], cabe ao leitor eleger o que lhe parece ser elemento de sua formação, aquilo que vai ficar e edificar a sua personalidade social”.

Já Michel Laub observa que os romances de formação contemporâneos são diferentes das narrativas dos séculos XVIII e XIX — no mínimo — pelo fato de terem sido escritos depois. Laub aponta para um detalhe: quando um escritor contemporâneo utiliza um modelo

clássico e o adapta ao seu tempo, ele se vale de outros elementos na composição do livro — caso contrário, vai apenas repetir o que já foi feito: “A mistura de gêneros e registros, por exemplo, que é bem mais comum hoje do que foi no passado, é um desses elementos”. Para exemplificar o que diz, o escritor cita *O filho eterno*, do Cristovão Tezza, definido por ele como uma espécie de *Bildungsroman* tardio. “Mas o livro não é só isso, tem vários outros procedimentos ali, como o do romance autobiográfico e até uma certa ironia com as narrativas de autoajuda. Porque, no fim, trata-se de um livro de antiautoajuda”, afirma.

Autoficção ou não

Há dois autores contemporâneos intransponíveis quando se fala de romance de formação: o norueguês Karl Ove Knausgard e o brasileiro Michel Laub. “Ambos lidam com as trajetórias de formação de seus personagens, aproximando-se significativamente de suas próprias trajetórias pessoais enquanto indivíduos históricos”, comenta Marcus Soares. Knausgard escreveu uma série de seis romances autobiográficos chamada “Minha luta” [leia mais na página 27], enquanto Laub é autor, entre outros títulos, de *Diário da queda* (2011), um romance de formação elogiado, entre outros, pelo autor norueguês: “Desde já um clássico”.



O norueguês Karl Ove Knausgard escreveu uma série de seis narrativas ficcionais longas definidas como romances de formação.

Laub observa que ele e Knausgard usam, entre outros recursos, a primeira pessoa e alguns dados autobiográficos, mas o autor de *Diário da queda* não considera que esses elementos sejam centrais nos livros. “Até porque escrevi uns quatro ou cinco livros assim, e um conta uma história totalmente diferente da outra. Portanto, eu teria que ter quatro ou cinco histórias da minha vida, o que não é o caso”, comenta, pontuando que Knausgard cola as suas narrativas em eventos que ocorreram — “ou que ele diz que ocorreram com ele mesmo”.

De acordo com Laub, é comum a um escritor fazer autoexames da própria vida. “Isso faz parte da personalidade de quem escreve — e vive examinando a vida dos outros. Então, escrever de modo autobiográfico é sempre algo que está à mão, uma tentação. E a narrativa de formação é uma boa moldura para isso”, acrescenta Laub.

Lourival Holanda não deixa de considerar *A ilha da infância*, o terceiro volume da série autobiográfica de Knausgard, um romance de formação — mas, para ele, *Infância*, de Graciliano Ramos, é mais contundente. Já *Diário*

da queda, de Michel Laub — na avaliação de Holanda — é um texto maduro: “É fácil reconhecer no livro de Laub elementos do romance de formação. Surpreende pela aposta ganha: é um texto ousado e forte”.

Tomar a medida do mundo

Questionado a respeito dos limites entre romance de formação e autoficção, Michel Laub diz que, diferentemente dos livros que se voltam para fatos que formam uma identidade — geralmente transcorridos na infância e adolescência —, a autoficção pode ser

“Escrever de modo autobiográfico é sempre algo que está à mão, uma tentação. E a narrativa de formação é uma boa moldura para isso.”

Michel Laub

uma obra sobre eventos ocorridos semana passada, com outros propósitos. “Mas todas essas classificações não são importantes, acho. Elas servem só para considerações acadêmicas”, opina Laub.

Lourival Holanda chama atenção para o fato de que um romance, inclusive o *Bildungsroman*, tem alguma liberdade por não estar, necessariamente, condicionado a fatos históricos: “Já a autoficção fica em regime de liberdade condicionada: deve manter a coerência temporal”.

Marcus Soares afirma que a autoficção pode ser entendida como uma estratégia que alguns escritores usam para se aproximar de outro gênero narrativo, a biografia. No entendimento do estudioso da Uerj, enquanto todo romance é ficcional, textos de autoficção não pertencem necessariamente ao gênero romanesco, “como seria o caso de muitos perfis construídos nas redes sociais, especialmente no Facebook”.

Independentemente desta questão, pontos de contato entre *Bildungsroman* e autoficção, Marcos Soares observa que o

romance de aprendizado pode vir a ser uma porta de entrada para a leitura: “O mais importante, do ponto de vista do desenvolvimento intelectual, é a criação do hábito de leitura, independente do gênero utilizado”.

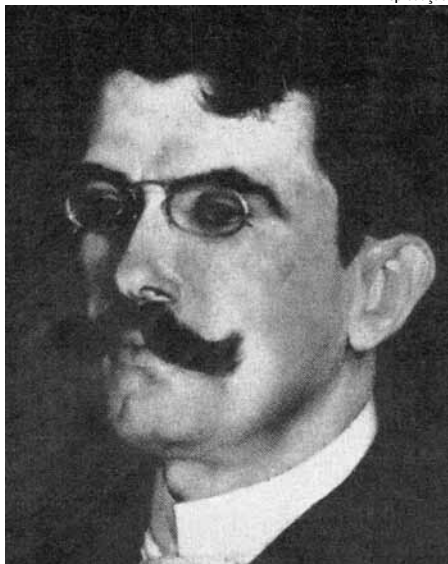
Michel Laub tem a impressão de que não há porta de entrada única para a leitura. “Se dá para falar em algo assim em termos mais universais, provavelmente falaríamos dos livros infantis que os pais leem para os bebês ou crianças pequenas, e esses poucas vezes são narrativas de formação”, comenta o sujeito que se tornou leitor, entre outros motivos, após conhecer *Os meninos da rua Paulo* — assunto mencionado no início desta reportagem.

Já Lourival Holanda pondera que uma narrativa que apresenta os fatos de uma vida pode atrair e até, por que não?, formar leitores: “Facilita ao leitor o espelhamento e a preciosa inteligência da curiosidade. Os mais jovens se veem vendo a vida alheia: é um modo de tomar a medida do mundo.” ■

Reprodução



Reprodução



Kraw Penas



O americano J. D. Salinger e os brasileiros Raul Pompeia e Silvano Santiago são autores de romances de formação.



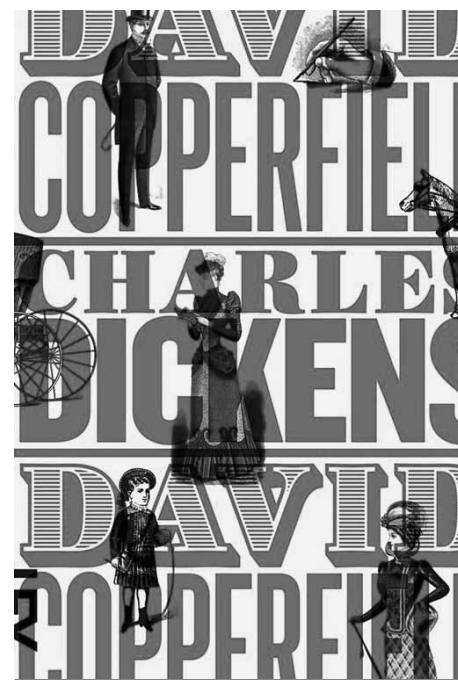
Pais e filhos,
de Ivan Turgueniev

Pais e filhos apresenta um dos narradores mais rebeldes da literatura russa do século XIX — o que não é pouco, pois o período viu florescer personagens como Raskolnikóv (*Crime e castigo*) e Anna Kariênina (do romance homônimo). Bazaróv é o protagonista do famoso livro de Ivan Turgueniev (1818-1883). Ao longo da narrativa, o leitor é apresentado à formação intelectual do jovem russo, um homem que se propusera a viver uma vida niilista, livre de crenças e moralismos, uma espécie de rebeldia que não se inclina a nenhuma autoridade. O livro também fotografa o momento russo, imerso em uma crise social e dividido entre os jovens sedentos por reformas (filhos) e os conservadores (pais) das antigas tradições.



O encontro marcado,
de Fernando Sabino

Publicado em 1956, *O encontro marcado*, primeiro romance de Fernando Sabino (1923-2004), traz, na figura do protagonista Eduardo Marciano, os questionamentos existenciais vigentes na época em que o livro foi escrito. Marciano é um jovem em desesperada busca por si mesmo. Escrita quando Sabino tinha 30 anos, a narrativa encontra convergência na trajetória do autor mineiro, à época enfrentando turbulências em sua vida pessoal — o casamento em crise e a incessante busca por um trabalho que custeasse sua carreira de escritor. Ainda que a história apresente diversos outros personagens, tudo converge para esclarecer a trajetória do jovem Marciano.



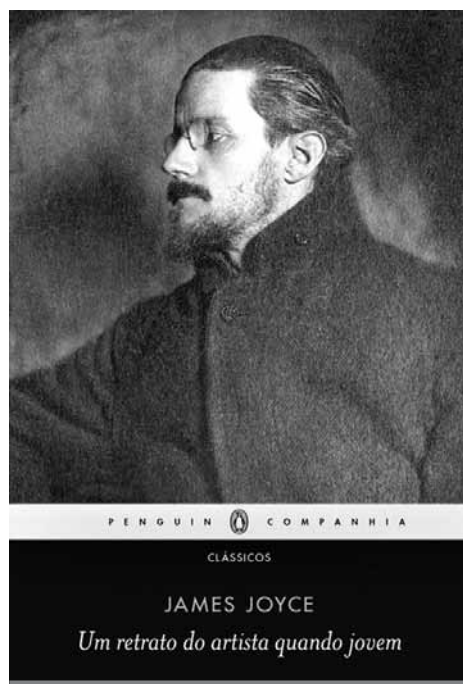
David Copperfield,
de Charles Dickens

Lançado em 1850, *David Copperfield* é o livro de que o inglês Charles Dickens (1812-1870) mais gosta em toda sua obra — ele levou dois anos para escrever suas mais de mil páginas. O protagonista, que empresta o nome ao livro, é o “filho predileto” de Dickens, conforme o autor confessa no prefácio da edição de 1867. A narrativa explora a vida do narrador-protagonista desde seu nascimento, incluindo a infância e chegando à fase adulta, em que ele se afirma como escritor. Essa longa trajetória possibilita uma visão ampla da Inglaterra vitoriana, explorando a multiplicidade da sociedade, revelada por meio dos inúmeros personagens que compõem a obra — todos com os seus impasses e conquistas.



O ateneu,
de Raul Pompeia

Trata-se de um livro escrito por autor brasileiro que é sinônimo de romance de formação. *O ateneu*, publicado em 1888, recupera a memória de Sérgio, o narrador-personagem, desde a sua infância, período em que ele estudava em um internato chamado Ateneu. O proprietário do colégio, Aristarco Argolo de Ramos, é apresentado como um imperador e, portanto, o Ateneu representa a sua monarquia. Uma vez inserido neste território novo, hostil e inimigo, Sérgio encontra personagens diferentes de tudo o que ele conhecia anteriormente. O livro de Raul Pompeia (1863-1895) é lido e estudado desde a sua publicação — *Chove sobre minha infância*, de Miguel Sanches Neto [leia mais ao lado], é um diálogo com *O ateneu*.



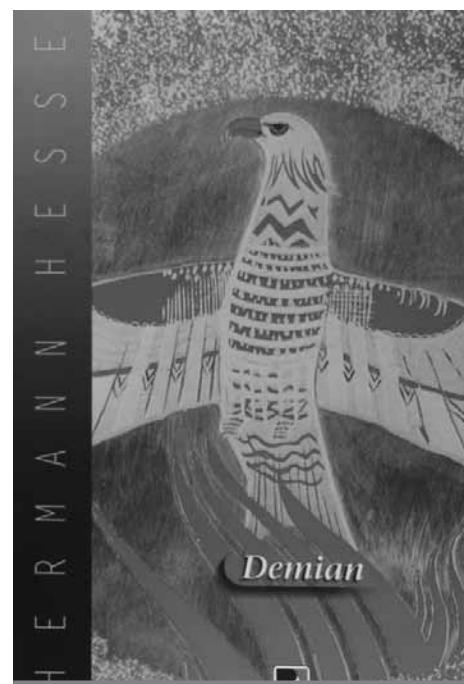
Um retrato do artista quando jovem,
de James Joyce

Referência no que diz respeito a romance de formação, *Um retrato do artista quando jovem*, publicado em 1916, acompanha o desenvolvimento do protagonista Stephen Dedalus — da infância à juventude. Primeiro romance de James Joyce, destaca-se pelo refinamento técnico que seria firmado em seu livro seguinte e obra-prima, *Ulysses*. Ao trabalhar a linguagem de acordo com o desenvolvimento do personagem, ainda mais refinada quando Dedalus amadurece física e psicologicamente, o escritor irlandês fez dessa narrativa uma grande experiência literária. Partindo de questões existenciais e experiências físicas do artista quando jovem, Joyce apresenta reflexões profundas sobre a arte e a religião.



Chove sobre minha infância,
de Miguel Sanches Neto

O primeiro romance de Miguel Sanches Neto, publicado no ano 2000, traz um narrador-protagonista que recupera momentos de sua infância, decisivos para a formação do futuro adulto. O conflito do personagem Miguel, mesmo nome do autor, é ter nascido em um ambiente rural e interiorano e desejar migrar para um contexto em que seja possível vivenciar a atividade de escritor. Há uma perceptível transformação do ponto de vista do personagem central que, ao narrar e recriar o seu percurso, amadurece em meio a um mundo inimigo. Da perplexidade diante da perda do pai até ler e compreender as sutilezas do mundo adulto, Miguel — o personagem — surpreenderá leitores e leitoras, de todas as idades.



Demian,
de Hermann Hesse

Com o lançamento de *Demian*, em 1919, o alemão Hermann Hesse iniciou a fase mais introspectiva de sua obra, preocupando-se com dilemas existenciais ao explorar o desenvolvimento da vida interior de Emil Sinclair, jovem narrador deste romance. Convivendo em um ambiente religioso em casa e sofrendo nas mãos de Franz Kromer na escola, Sinclair passa a questionar os valores que o cercam. Sua vida muda quando se torna amigo de um misterioso novo aluno, Demian, que será o seu confidente e guru espiritual. Essa relação faz com que Sinclair organize o caos interior, passando a enxergar a vida com outros olhos ao lutar contra o mundo de aparências que pretende superar.



Série “Minha Luta” – 6 volumes,
de Karl Ove Knausgård

Nas mais de três mil páginas dos seis volumes da série “Minha Luta”, Karl Ove Knausgård esmiuça e expõe sua própria vida desde a infância até a convivência com seus familiares. Utilizando nomes e situações reais, o escritor norueguês se tornou um fenômeno literário mundial. No primeiro volume, *A morte do pai*, ele apresenta o ambiente sórdido em que seu pai fora encontrado morto, após anos de alcoolismo. Nos outros tomos, Knausgård não alivia a mão: os conflitos e vexames íntimos não escapam à sua narrativa visceral. No Brasil, há cinco volumes disponíveis: *A morte do pai*, *Um outro amor*, *A ilha da infância*, *Uma temporada no escuro* e *A descoberta da escrita*.

Como voltar a Curitiba

Entre 1944 e 1948, **José Paulo Paes** viveu na capital paranaense, onde manteve interlocução com os escritores Dalton Trevisan e Glauco Flores de Sá Brito, entre outros artistas. A presença fundadora da cidade na vida e obra do poeta e tradutor é tema de ensaio do escritor **Miguel Sanches Neto**

Guilherme Pupo



Cidade de funcionários públicos, militares e estudantes, a Curitiba dos anos 1940 sofreu um abalo com a entrada em cena de uma geração que negava o romantismo meio simbolizante e meio parnasiano da cultura oficial, acadêmica e, portanto, desatualizada. Dois grupos se formaram na cidade no segundo pós-guerra: o da livraria Ghignone e da revista *Joaquim* (Dalton Trevisan, Poty, Guido Viaro, Temístocles Linhares, Wilson Martins e Erasmo Piloto) e o do Café Belas-Artes, onde se reuniam José Paulo Paes, Glauco Flores de Sá Brito, Armando Ribeiro Pinto e Samuel Guimarães da Costa, intelectuais que editavam a revista *Ideia* e os suplementos de *O Dia*, *Diário popular* e *O Livro*.

Esta força antiacadêmica se uniu para participar do Segundo Congresso Brasileiro de Escritores, em 1947, em Belo Horizonte, passando a perna nos autores consagrados da província e tendo a oportunidade de criar uma rede de relações com os novos do país todo e com os mestres contemporâneos. A partir de então, o segundo grupo começou a publicar na legendária revista *Joaquim* (1946-1948), fortalecendo a cruzada jovem que reinventou o Estado.

Atraído pelas escolas locais, depois de ter sido reprovado na seleção em São Paulo, o adolescente José Paulo Paes (1926-1998) trocou a Taquaritinga natal por Curitiba com o objetivo de fazer o curso técnico no Instituto de Química do Paraná. Aqui morou entre 1944 e 1948, tendo se formado poeta no convívio com os artistas da terra. Sua estreia se deu com o livro *Aluno* (1947), título em que o eu lírico se colocava no papel de aprendiz de poesia e que tinha tudo a ver com a identidade secundarista do autor naquele momento. Por conta disso, Zé Paulo entendia a cidade como local de seu renascimento.

Seus relatos memorialísticos sobre este período destacam o clima de camaradagem de um grupo festivo unido em prol do saneamento da vida artística. Há, na sua avaliação, um José Paulo Paes paranaense, que se manifesta editorialmente na primeira coletânea.

Contra o Pinheiro

Mas a leitura de sua *Poesia completa* (Companhia das Letras, 2008) revela que ele fará a viagem de volta à cidade em outros momentos de sua obra, agora pela reminiscência lírica, reforçando seus vínculos a um espaço e a um tempo.

O primeiro retorno ocorre em *A poesia está morta mas juro que não fui eu* (1988), na seção “Geografia pessoal”. A capital paranaense figura aqui ao lado de outras urbes internacionais, o que confirma o seu depoimento sobre a importância destes anos, criando uma continuidade entre a província e o “mundo vasto mundo” drummondiano.

CURITIBA

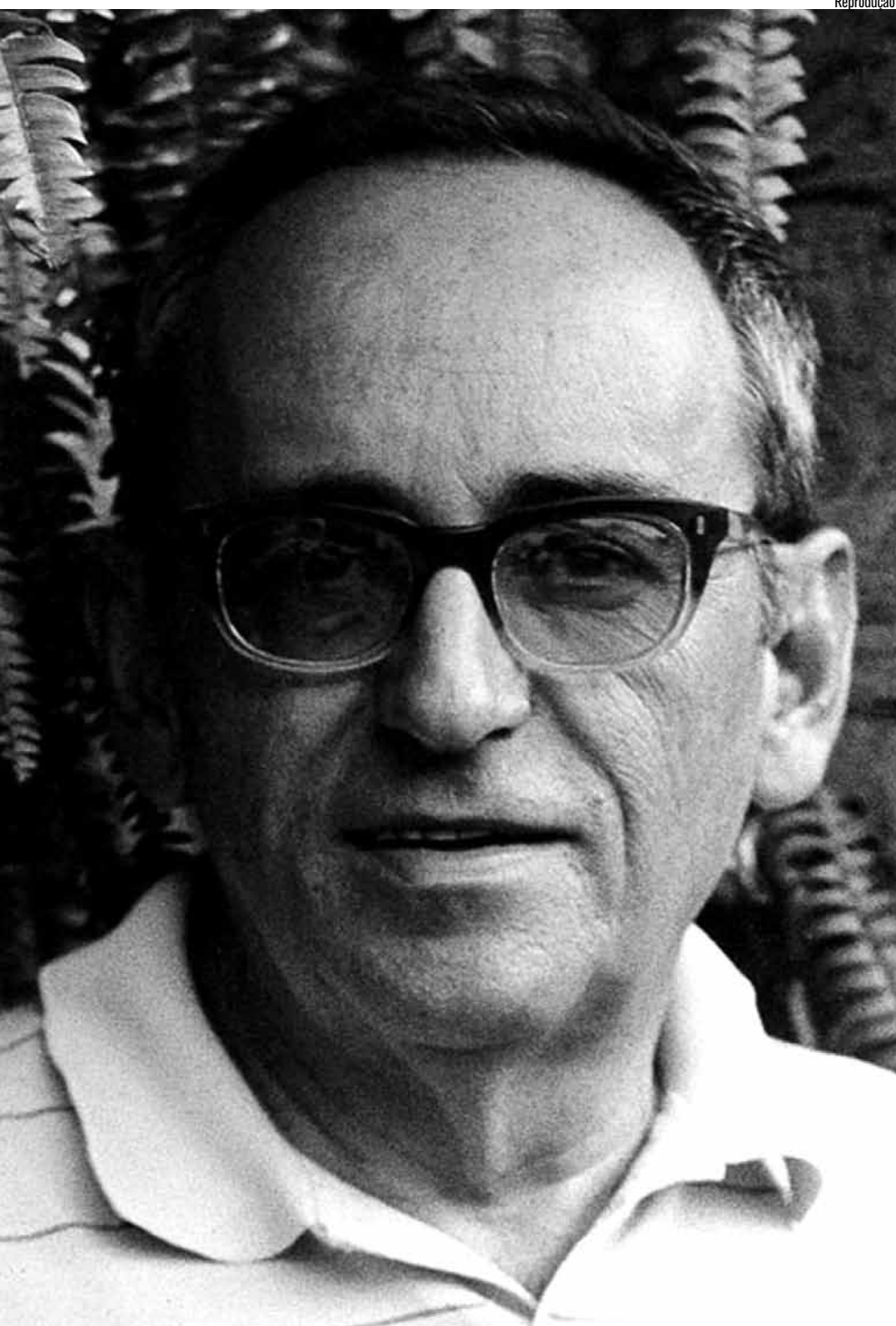
o interventor do estado
era um pinheiro inabalável

inabaláveis pinheiros igualmente
o secretário de segurança pública
o presidente de academia de letras
o dono do jornal
o bispo o arcebispo o magnífico reitor

ah se naqueles tempos
a gente tivesse
(armando glauco dalton)
um bom machado!

Seguindo o tom irônico do título da coletânea, o poema ataca pelo humor o símbolo da cultura paranista. O pinheiro é a temática chavão, clichê das artes plásticas e da identidade provinciana. Foi contra uma cultura de culto excludente do local que se uniram os jovens, e isso aparece também na obra de Dalton Trevisan, como no conto “Em busca de Curitiba perdida”, de *Mistérios de Curitiba* (1968): “Curitiba, que não tem pinheiros, esta Curitiba eu viajo”. A viagem do contista é pela urbe com conexões universais, não por suas particularidades restritivas.

Reprodução

Um das raras imagens de José Paulo Paes, que nos anos 1940 se juntou a Dalton Trevisan para fazer a iconoclasta revista *Joaquim*.

“O umbigo da Curitiba de José Paulo Paes era o endereço do Café Belas-Artes.”

No poema, Paes enumera as autoridades, os poderes constituídos, para se ressentir de não terem conseguido derrubar estes pinheiros antigos. O discurso poético coloca no mesmo nível das autoridades militares, civis e eclesiásticas as literárias. Idêntica crítica a esta Curitiba das Academias aparece no conto-manifesto de Dalton, que recusa as letras oficiais: “Curitiba, não a da Academia Paranaense de Letras, com seus trezentos milhões de imortais”.

É no verso parentético que Zé Paulo junta os amigos de luta de um outrora que volta, pelo verbo, a ser hoje. O entusiasmo da juventude se manifesta neste momento de recordações, impondo a interjeição em um poeta que tende para o não-enfático.

Curitiba assim figura como o lugar das grandes emoções juvenis, das discussões políticas e estéticas, quando o então aluno do curso técnico de química se faz iconoclasta, desejoso de usar a palavra afiada para derrubar as autoridades. A sua visão de mundo e de linguagem nasce nesta horizontalidade social e não da verticalização de temas e recursos.

Nos demais poemas, Paes viaja por outros países em busca desta mundialização vivida como projeto em sua Curitiba matinal, espaço de comunicação, pela arte, com a produção do ocidente.

No volume seguinte — em que ele opera uma grande guinada estética pela prosa memorialística (*Prosas seguidas de Odes Mínimas*, 1992), superando a fase política e a fase concretista e epigramática — os dias curitibanos reaparecem. Em meio aos poemas prosaicos, que corroem o verso convencional, e que tendem para uma “cronicalização” da matéria poética, surge um momento altamente lírico em “Balada do Belas-Artes”. A própria definição da forma (balada) remete a um tempo festivo, a uma alegria que o congreja com aqueles anos irreverentes. O café (que ficava na Rua XV, centro de Curitiba) funciona como uma Pasárgada pretérita, que o poeta visita em sonho, e no qual tudo se realiza:

Sobre o mármore das mesas
do Café Belas-Artes
os problemas se resolviam
como em passe de mágica.

A influência de Glauco

Esta percepção de uma realidade sem obstáculos vem da amizade fulcral deste momento — com o poeta-vidente Glauco Flores de Sá Brito (1919-1970), um dos três mosqueiros-lenhadores convocados no poema “Curitiba”. Em suas memórias (*Quem, eu? — Um poeta como outro qualquer*, Atual, 1996), Zé Paulo recorda este encontro determinante: “Para um poeta em embrião como eu, o encontro em Curitiba

com alguém do talento de Glauco Flores de Sá Brito foi decisivo. Cordial e bem-humorado, ele me ensinou, pelo exemplo de sua artesanaria, não por via de explicações teóricas, o que fosse escrever poemas dignos do nome. Poemas que nele brotavam por assim dizer espontaneamente, frutos da intuição mais do que da erudição”. Esta realidade em que tudo se resolvia em um passe de mágica é a herança desta amizade maior. E o poema continua:

Não que as leis do real
se abolissem de todo
mas ali dentro Curitiba
era quase Paris:

O verso vinha fácil
o conto tinha graça
a música se compunha
o quadro se pintava.

No interior deste café, a província era quase Paris, obedecendo assim ao desejo destes jovens de habitar a cidade de forma cosmopolita, principal item do programa da geração *Joaquim*. Isso não significava ignorar a realidade circundante, antes denunciava o desejo de criar uma continuidade atualizadora entre os grandes centros e a geografia pessoal de cada autor/artista empenhando em transformar sua urbe em umbigo do mundo — referência ao *umbilicus urbis Romae* (*umbigo* da cidade de *Roma*) — eixo a partir do qual devem ser medidas todas as distâncias.

O umbigo da Curitiba de José Paulo Paes era este endereço do Café Belas-Artes, conexão direta com Paris, ainda a capital do mundo para esta geração, a última que a viveu assim. Este espaço mágico está, portanto, ligado diretamente a um poeta prestidigitador que expôs ao jovem a máquina do mundo, fazendo surgir nele uma linguagem irmanada com a vida, em que uma fosse extensão da outra.

Na coletânea publicada postumamente — *Socráticas* (2001) —, aparecerá um poema que retoma depoimentos sobre o amigo morto, centro desta sua geografia juvenil. O título se resume ao primeiro nome do poeta (“Glauco”), dando este ar de intimidade afetiva. A primeira estrofe é a condensação do que o poeta já havia dito em uma crônica, o que revela o transporte de linguagem de um suporte para outro e o próprio trânsito de sua poesia, que vem da prosa, tal como declara no título de um de seus livros mais importantes — *Prosas seguidas de Odes Mínimas*. Aqui, o poeta justapõe dois registros (prosa e ode), fixando um valor equânime entre eles.

Na página de reminiscência que escreveu para o *Nicolau* (nº 12, junho de 1988), “Nós num começo de vida”, Zé Paulo declara-se frequentador ocasional da cidade:

“Desde então, voltei umas poucas vezes a Curitiba. [...] E os azares do tempo haviam se encarregado de dispersar o nosso grupo. Senti sobretudo nunca mais ter podido ver Glauco de Sá Brito. Da primeira vez que voltei a Curitiba, ele andava pelo Rio. Da segunda, já estava estupidamente morto, ele que tanto gostava da vida.”

Esta crônica marca o início de fase lírica e memorialística do poeta, que remoeria em prosa e verso essas experiências fundadoras nos dez anos seguintes. No poema publicado postumamente, o amigo é retomado nos mesmos parâmetros:

Nas duas vezes que voltei a Curitiba
não o encontrei.
Numa tinha viajado para o Rio
na outra tinha viajado para a morte.


A maior concentração de linguagem e o uso da metáfora da viagem — um recurso bem comum — dão ao texto uma carga trágica, encenando, nas estrofes seguintes, a ausência do amigo a quem ele busca em uma temporalidade errada. Mas como estamos nos domínios da poesia, é por uma metonímia que ele o recupera, numa eternidade que faz coincidir o ontem e o hoje:

Só a caminho do aeroporto tive
um relance dos seus óculos kavafianos
mas sem os olhos risonhos
por detrás das lentes:

livres embora da miopia do corpo
seus olhos continuavam no encaixe
da eterna
fugaz
inatingível
Beleza Adolescente

A obra do amigo que incorporava o destino do poeta grego Konstantínos Kaváfis já havia sido tema de um estudo intitulado justamente “Sob o estigma da beleza adolescente” — *Os perigos da poesia* (Topbook, 1997). E estas recuperações de sua figura e obra se fazem agora linguagem concentrada.

Se Zé Paulo voltou apenas duas vezes a Curitiba, para contabilizar ausências, Curitiba nunca deixou de povoar sua obra. ■

 **Miguel Sanches Neto** nasceu em 1965 em Bela Vista do Paraíso, cidade da região Norte do Paraná. Em 1969, mudou-se para Peabiru, onde passou a infância. Professor na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), é autor de mais de 30 livros, entre os quais os romances *Chove sobre minha infância* (2000), *A segunda pátria* (2015) e *A bíblia do Che* (2016). Sanches Neto vive em Ponta Grossa (PR).

FICÇÃO | FERNANDO BONASSI





LITERATURA CONTEMPORÂNEA

O escritor contemporâneo desperta em meio a um pesadelo em que erra por labirintos de estantes. É típico dele. Parece de propósito, ainda que seja inconsciente. Agora tem que se esforçar para perceber o lado em que se encontra... É ali mesmo, onde também há livros por todos os lados.

Para o escritor os livros tornaram a existência mágica, mas não consta que tal magia tenha contagiado a própria existência. O escritor contemporâneo pensa que foi salvo pela realidade com que sonha, mas tal coisa não existe. O que existe não foi sonhado, ou mesmo pensado por ninguém, mas é tolerado por todos os que se dizem acordados como ele.

Contra o sono que insiste, ele se espreguiça... Queria continuar deitado, cultivando esse ócio criativo, mas é preciso separar-se da esposa que vai para o trabalho, mandar os filhos ao colégio, dar rendimento aos editores, informar-se dos horrores e escrever sua coluna diária.

A mulher do escritor contemporâneo trabalha fora porque se considera emancipada. O escritor contemporâneo também a considera a esse ponto, mas ambos sabem que precisam do dinheiro que ela recebe para manterem-se à tona em meio ao pantano de sua classe social, que é média, nem mais nem menos... Acontece que mesmo em meio a essa mediocridade, escrever, ler e até mesmo trabalhar tornaram-se luxos difíceis de pagar!

O que o escritor contemporâneo gostaria mesmo era vender livros aos milhões (e não às centenas, como faz) apenas para que a mulher ficasse à sua disposição, feita escrava sexual, fornicando quando e como quisesse, ao sabor de suas inspirações mais mesquinhas. Ele não lhe diz isto com estas palavras, porque seria de mau gosto para esse escritor, que considera a si mesmo contemporâneo e, portanto, sem preconceitos com as minorias emancipadas...

Há essa sensação geral de que as minorias são a maioria, mas é algo que não se comenta, para evitar “dores de cabeça”.

A mulher do escritor contemporâneo, igualmente contemporânea, desempenha alguma atividade onde ganha trinta ou quarenta por cento a menos do que qualquer homem contemporâneo para fazer a mesma coisa. Ela lutaria contra o preconceito em tal estado de coisas, não precisasse tanto do velho estado de coisas como precisa para o que julga “sobreviverem”.

Desconfia que sua emancipação apenas somou-lhe outra dor de cabeça, sob a forma de uma nova jornada ao final de seus dias, quando chega exausta para as tarefas do lar, mal feitas pelo escritor contemporâneo, que as desconsidera. Ela não diz nada disso ao escritor contemporâneo, já que não seria de bom tom para uma mulher contemporânea e emancipada, que também trata a casa com algum desprezo. O certo, por mais errado que pareça, é que quando ela cai na cama desarrumada, o único gozo que a mulher do escritor contemporâneo deseja usufruir é dormir...

Dormir, já dormiram. Agora é hora de levantar, pois os filhos estão pedindo algo para comer mais uma vez. Comem todos os dias, numa insistência com a vida que só a biologia é capaz de entender! E para se entenderem melhor, os filhos vão à escola...

Problema é que o escritor contemporâneo duvida dos colégios. Duvida do que tenham feito dele, no passado. Duvida que o presente possa ser explicado por qualquer escola. Duvida mesmo serão educados no futuro, já que a falta de educação, tudo indica, é a melhor arma para a competição que se anuncia desde cedo. Já nascem correndo, criam músculos, se destroem em guerras, tiroteios e acidentes automobilísticos... O escritor contemporâneo pensa nesses riscos, então remexe nos armários desses filhos dos quais desconfia contra sua vontade, mas está se acostumando tão bem a fazer as coisas contra sua vontade que quase não tem vergonha do que faz. Teme encontrar algo surpreendente entre as roupas e brinquedos inocentes das crianças, mas ainda assim procura. Não encontra nada que implique os seus machinhos na violência que se alimenta em torno. Nem sabe se isso é bom ou mal, já que a violência tornou-se uma espécie de necessidade, filosofia ou ciência, sabe-se lá...

Refletido num espelho em meio à sua investigação (ou rapina), o escritor contemporâneo sente-se péssimo. É mais um vício melodramático de quem aprecia má literatura. Procura se convencer de que nada desse universo impulsivo e repulsivo pode atingir os seus queridos, mas ele sabe que tenta proteger o impossível de ser contido, uma vez que, cada vez mais, tudo pode acontecer com todos, especialmente a desgraça; essa sim, a única a parecer verdadeiramente universal, e democrática, ao escritor contemporâneo.

O escritor contemporâneo se julga socialista, democrático e libertário, mas como seus antepassados autoritários, gostaria



de conservar tudo num tamanho mínimo, para controlar melhor a todos. Paternalista, acredita que todos dependem dele quando ele próprio sente falta de algo que não quer calar, ainda que não saiba o que dizer...

Na escola o escritor contemporâneo não sabe o que os professores estarão dizendo, ou ordenando, que os alunos façam. O escritor contemporâneo não gosta de “ordens”, mas quer deixar alguma disciplina de herança. Pode ser por egoísmo; por causa do trabalho infernal que lhe dão essas crias (pelo menos enquanto ficam longe estudando, cabulando aula por um cinema ou envolvendo-se com traficantes, ele pode escrever sua coluna diária em paz). Claro que o escritor contemporâneo não escreve isto. Prefere, ao contrário, manifestar suas nobres razões morais e políticas, já que acredita (ou precisa acreditar) que é importante que os seus socializem com outros de mesma espécie...

Ele vê quando os filhos despencam pelos elevadores, berando e exigindo uma infelicidade diferente daquela em que se encontram; e sente-se só com a mãe deles no apartamento... Essa é apenas uma espécie dentre as tantas contradições com as quais o escritor contemporâneo se depara, deixando-o tonto desde cedo. Depois são as contradições com essa mulher que, às pressas, está saindo para o trabalho escravo, mas, como os senhores, dá ordens e contra-ordens que não serão cumpridas pelo escritor contemporâneo. O escritor contemporâneo, em sua aflição e egoísmo desordenadamente produtivos, não quer saber de fazer nada que não seja seu prazer: sentar, tomar café, fumar e escrever...

Sobre os malefícios do tabaco, Tchekov disse tudo o que era necessário há séculos. Sobre o café, os latifundiários nacionais não se cansam de falar e fazer propaganda enganosa de seus benefícios... O escritor contemporâneo pensa que toda propaganda é enganosa, já que nos impõe vontades que não temos. E enquanto vasculha o jornal em busca de um tema que possa comprar para narrar, sente atrapalhar a digestão do café, do pão e das frutas geneticamente reconstituídas (aquelas que alegram o olhar). Ele come aquelas coisas bonitas de se ver e sem sabor de se engolir. Insiste no desgosto de conhecer as tais manchetes que enriquecem uns poucos conhecidos e matam tantos anônimos com uma constância de arrepiar a própria morte! Ele trabalha com a “expressão” disto... Essa palavra lhe dá um pouco de vergonha... “Expressão”... Então voa atrapalhado para um escritório num quarto de fundos, correndo os dedos trêmulos e apressados pelo teclado, enquanto a vida se esvai nas entrelinhas das notícias que quer analisar, desvendar... “Exprimir”.

Seria necessário parar o tempo para conceber um outro tempo, ou pensar no próprio tempo que vivemos, mas o escritor contemporâneo está sendo vencido pela sucessão espetacular dos

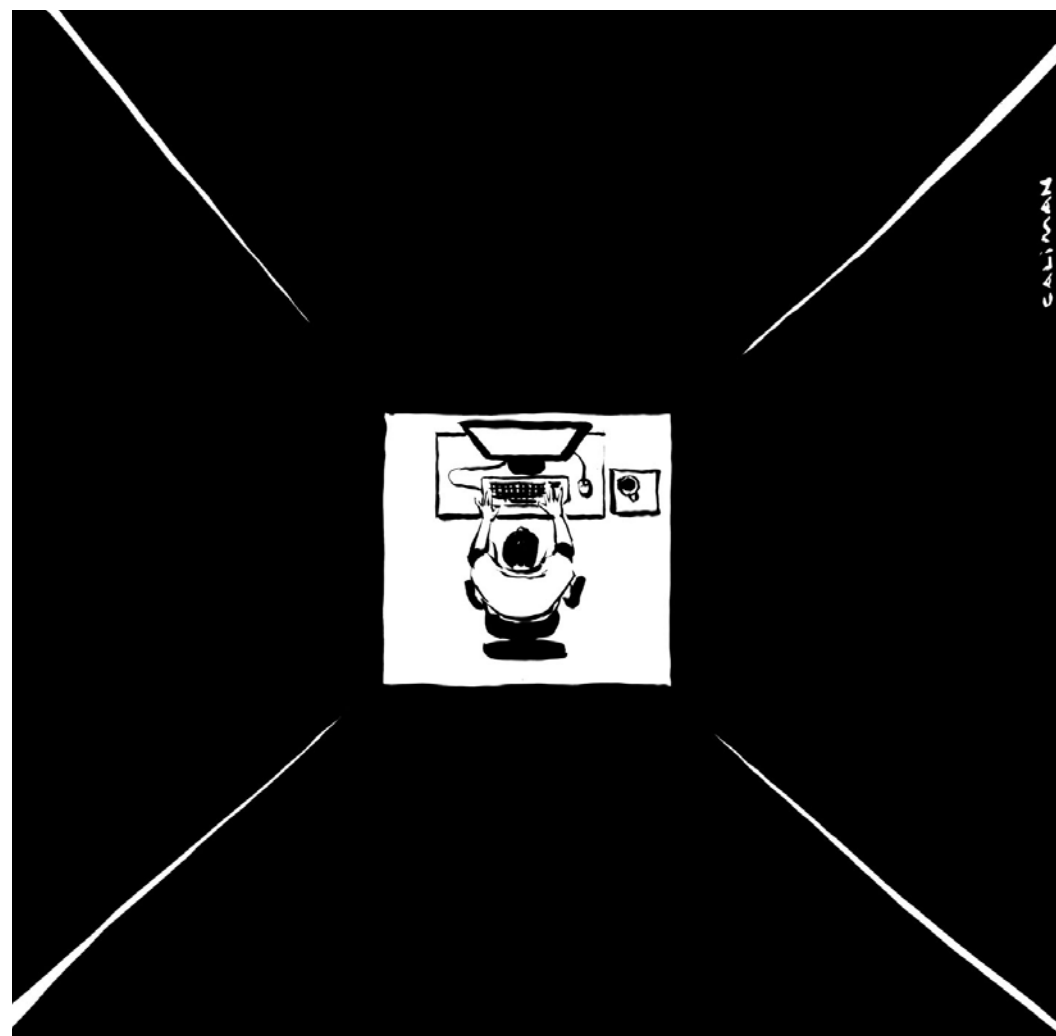
desencontros com que ele e o resto da humanidade insistem em se desentender. Os fatos nebulosos e seus dados tétricos são ainda mais rápidos e as novas mais antigas de se lamentar vão chegando por telefone, fax e e-mail, completando o clássico cardápio da tragédia contemporânea! O escritor contemporâneo está farto dessa modernidade. Por mais que tente, seus relatos não passam de comentários espantados, já que a sua imaginação está sempre perdendo para o que os demais autores dessa tal de “Grande História” são capazes de fazer para impor suas ideias... O inferno são sempre esses outros, concorrentes, cuja vitalidade mortal o escritor contemporâneo inveja. Não! O escritor contemporâneo não é humilde. Tem esse projeto grandioso e miserável de se tornar visível e notável por dar algum sentido para a carnificina, mas não é o sentido mais profundo da crítica o que interessa, já que a evidência visionária dos filmes é mais precisa, ou preciosa, do que os próprios acontecimentos. Os cadáveres destroçados e boquiabertos estão ali para nos provar. Não dizem nada, mas sua imagem bem fotografada consome num instante as cem mil palavras decoradas e entaladas na garganta do escritor contemporâneo.

Ele estranha que todas as vítimas pareçam iguais, por mais que os algozes insistam em dizer que estão no lugar em questão porque são “diferentes”...

Cada sofrimento é uma grandeza específica, todos valem a mesma tristeza, ele pensa, por mais que a indiferença épica prevaleça sobre a comédia da esperança... Disso ele tem certeza com um cinismo tão apaixonado como quando era católico, escoteiro, anarquista ou comunista. Também foi estudante, metalúrgico, garçom, operador de telemarketing, corrupto e prostituto. Foi de tudo um pouco, pois acreditava que “a verdade do escritor contemporâneo” era ser um pouco o que todos os outros contemporâneos seus eram... Mentira. Um “ator contemporâneo” tradicionalmente faz tudo isso e ninguém cobra qualquer verdade de alguém cuja especialidade é “ser e não ser”, numa eterna confusão hamletiana.

Apesar de toda a sua experiência, o escritor contemporâneo nem precisou de muito para perceber que, mais uma vez, tudo não passava de boa e velha literatura. Romanceara e embelezara de tal modo a liberdade de lançar-se neste mundo que confundiu este mundo com os sucessivos trabalhos mesquinhos que não lhe ensinavam nada de novo, mas reiteravam que a exploração era muito mais criativa e impessoal do que a estética formal, pois persiste ainda hoje, esmagando homens e mulheres patéticos em toda parte, apesar de todos os livros, ensaios e reportagens bem escritas, cheias de ética, elegantes ou ousadas que a criticam...

Colhido em meio a essas memórias amargas, o escritor contemporâneo é chamado à relativa fartura e doçura de sua mesa do almoço. Alguém cozinhou para ele e no máximo receberá um



FICÇÃO | FERNANDO BONASSI

crédito de agradecimento numa próxima edição. Ele come seu prato de arroz, feijão e carnes magras como quem mastiga uma mensagem gorda de significados, mas como o estômago não pensa, não se comunica e ele come rápido, a gastrite perfurante é o que impera entre os seus sentimentos dolorosos. Mais uma vez o escritor contemporâneo engole tudo de uma vez; outra vez em nome da saúde, mais que do sabor.

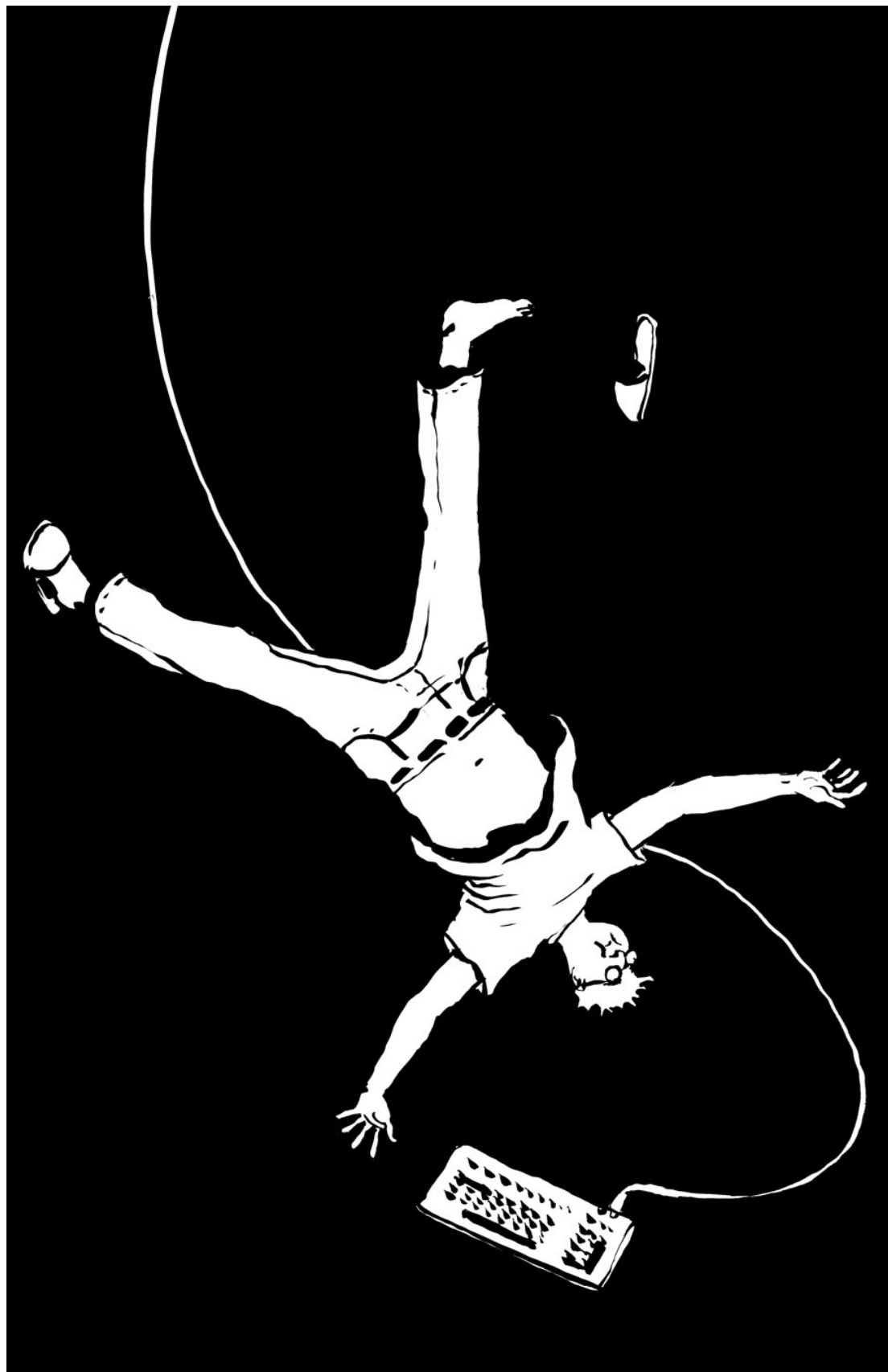
Deita-se na sesta para digerir, como um animal predador numa planície africana, mas está mesmo é numa metrópole sul-americana, onde os chefes caçadores locais já dominaram todas as presas, em bom ou mau estado, transformando-as em operários assalariados. Por isso, logo depois e sem pregar os olhos, ponderando e resmungando que a sua coluna diária está atrasada, o escritor contemporâneo se ergue subitamente e volta rápido ao computador... Mas... Não sabe o que escrever! Mas... Não aceita que não tenha nada para transmitir! Para tudo o que é necessário ele tem uma palavra!

Enjoado, ele entende que, como a propaganda enganosa que execra, as suas palavras inventam um desejo que não existia antes. E, repentinamente, ele não deseja mais escrever! Tem a coragem de pensar nisso uma vez ou outra, já que os contextos são sempre muito maiores e intangíveis para os seus textos, tidos como “densos”... Parece até que vai se libertar desses pesos, que vai querer jogar tudo para o ar, mas... E se jogar? Quem vai pagar o aluguel ao proprietário e os tributos aos funcionários do governo? O escritor contemporâneo decidiu viver ao lado dos governos, já que não suportava mais o desconforto de estar à margem deles. E assim, aterrorizado por essa liberdade de se destruir ou se despir de tudo o que é para o nada que poderia vir a ser, prefere voltar a ser o escritor contemporâneo que era, desde sempre. Então, quer queira quer não, ele tem que escrever... No princípio, não fora a necessidade que o levou à literatura, mas quase uma veleidade. Quisesse viver melhor teria se tornado advogado, jurista ou banqueiro, mas não tivera a sorte, jeito ou teve todo o azar de nascer num cômodo acomodado pela miséria e ignorância dos seus pais. Lutou contra os pais, contra sua própria burrice e venceu. Estudou em escolas e universidade públicas, ainda que seus benefícios atuais sejam privados.

O escritor contemporâneo fez da literatura uma “ciência da esperança” de chegar em algum lugar menos pior do que este! Acontece que a melhor literatura do escritor contemporâneo não chega lá, já que lá só uns poucos é que chegam... E sempre os outros... Um inferno.

Agora, tem que se obrigar a fazer com “profissionalismo” ridículo (compromissos mixos e salários baixos conformando um estado de nervos em frangalhos com as contas a pagar e as migalhas a receber) o que antes se propunha a fazer com amor... Amor. Amor é uma palavra horrível!

Não! Não que não cultive sua vaidade. Expõe-se bem na sua obra para que a sua obra o exponha melhor do que é. Um homem



mente em qualquer atividade, ainda que este escritor contemporâneo considere a sua atividade um tipo de missão, fé ou sacrifício... Em seu “sacrifício”, no entanto, ele sequer suja as mãos (no máximo, talvez, com as tintas negras da sua impressora), e continua tentando apresentar uma solução global quando não passa do diagnóstico de problemas localizados.

Os leitores, por incríveis que pareçam, sabem que é assim e, ainda assim, pagam pelas palavras vagas desse escritor contemporâneo, as quais ele copiou de alguém quando percebeu que ler diminuía-lhe o peso da estupidez. Palavras que ele repete prosaica e poeticamente desde que descobriu que cultivar a ficção seria mais seguro para um escritor contemporâneo do que a ação no calor da revolução.

Da “revolução”, por covardia ou por clareza, o escritor contemporâneo passou a desdenhar, dizendo que ela se aprisionou em partidos que transformam rebelião em burocracia. De modo que o escritor contemporâneo pôs todas as suas ilusões políticas bem puristas num mesmo lugar sujo e agora não tem com o que preencher tantos espaços ociosos, limpos e terrivelmente vazios, fazendo eco em sua mente...

Também não! A literatura do escritor contemporâneo não é um marco explosivo de sua época ou geração! Nenhuma literatura o é mais!


Mas isto não consola... E como que não se detonará como uma bomba em nome de suas posições, suas frases lhe parecem ainda mais esfoladas, compradas ou vendidas, já que um gesto incendiário desses terroristas parece mais convincente do que suas páginas moralistas e supostamente revolucionárias... Não que sejam reacionárias, mas é esse “bom senso” que as aniquila. E como o “bom senso” é de todos, há sempre essa vivência emprestada, entediada, empestada... A peste, aliás, vem anunciando seu ciclo de “limpeza étnica” e o escritor contemporâneo teme que sua raça seja extinta pela eficiência alheia, ou inutilidade dela própria... Então o escritor contemporâneo escreve contra os seus próprios medos, ou impotência, que diferença faz?! Enche cada vez mais páginas; com muita “força de verdade” (especialmente as inventadas no calor da redação). Chega ao final de sua criação como se sua coluna diária fosse uma cruz carregada de culpas, desculpas e desconfianças para, em seguida, enviá-la ao editor.

Seu artigo será aceito a seu tempo, com a condição de que se retirem alguns trechos comprometedores para os anunciantes e patrocinadores...

O escritor contemporâneo hesita em continuar a obedecer! Vê censura onde seu patrão vê os “interesses do mercado”. Fica indignado, mas... Bem, quer dizer, “passando mal”, ele não escreve isso... E em silêncio, ele refaz seu servicinho...


O dia está ganho.

Os filhos chegam do colégio e se trançam no quarto. A esposa chega do trabalho e se tranca no banheiro. Vão jantar separadamente a comida requentada do almoço e tentar dormir outra vez, como os seus contemporâneos. ■

 **Fernando Bonassi** nasceu em 1962, em São Paulo. É roteirista, dramaturgo e escritor, autor dos romances *Subúrbio* (1994) e *Luxúria* (2015), e dos livros de contos *Passaporte* (2001) e *SP Brasil* (2002), entre outros. No cinema, destacam-se os roteiros de *Estação Carandiru* (dirigido por Hector Babenco) e *Cazuza – O tempo não para* (de Sandra Werneck e Walter Carvalho). No teatro, as montagens de *Apocalipse 1,11* (com o Teatro da Vertigem) e *Arena conta Danton* (direção de Cibele Forjaz). Bonassi foi o vencedor da bolsa de artes do DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio), com a qual viveu e escreveu em Berlin, em 1998. Desenvolveu, em parceria com Marçal Aquino, os seriados *Força-tarefa*, *O caçador*, *Supermax* e *Carcereiros*, todos para a Rede Globo de Televisão.

CLIQUESES

EM CURITIBA

 Diretor de rádio e televisão, **Cyro Ridal** também é conhecido em Curitiba pelo personagem Jack Shadow, que eternizou em programas como *Ciclojam*, *Todos os caminhos do rock* e *Caleidoscópio*, entre outros. As imagens publicadas no **Cândido** fazem parte da série "Público singular", em que Ridal direciona seu olhar para diversos espaços conhecidos da cidade.







A Biblioteca Pública

rejuveneceu.



*Venha ler
as novidades*

Mais conforto. Mais opções de cultura, lazer e conhecimento. A nova Biblioteca Pública do Paraná é um centro cultural, com teatro, música, dança e, é claro, muita literatura. Venha ler as novidades.

160
anos
1957-2017
BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

